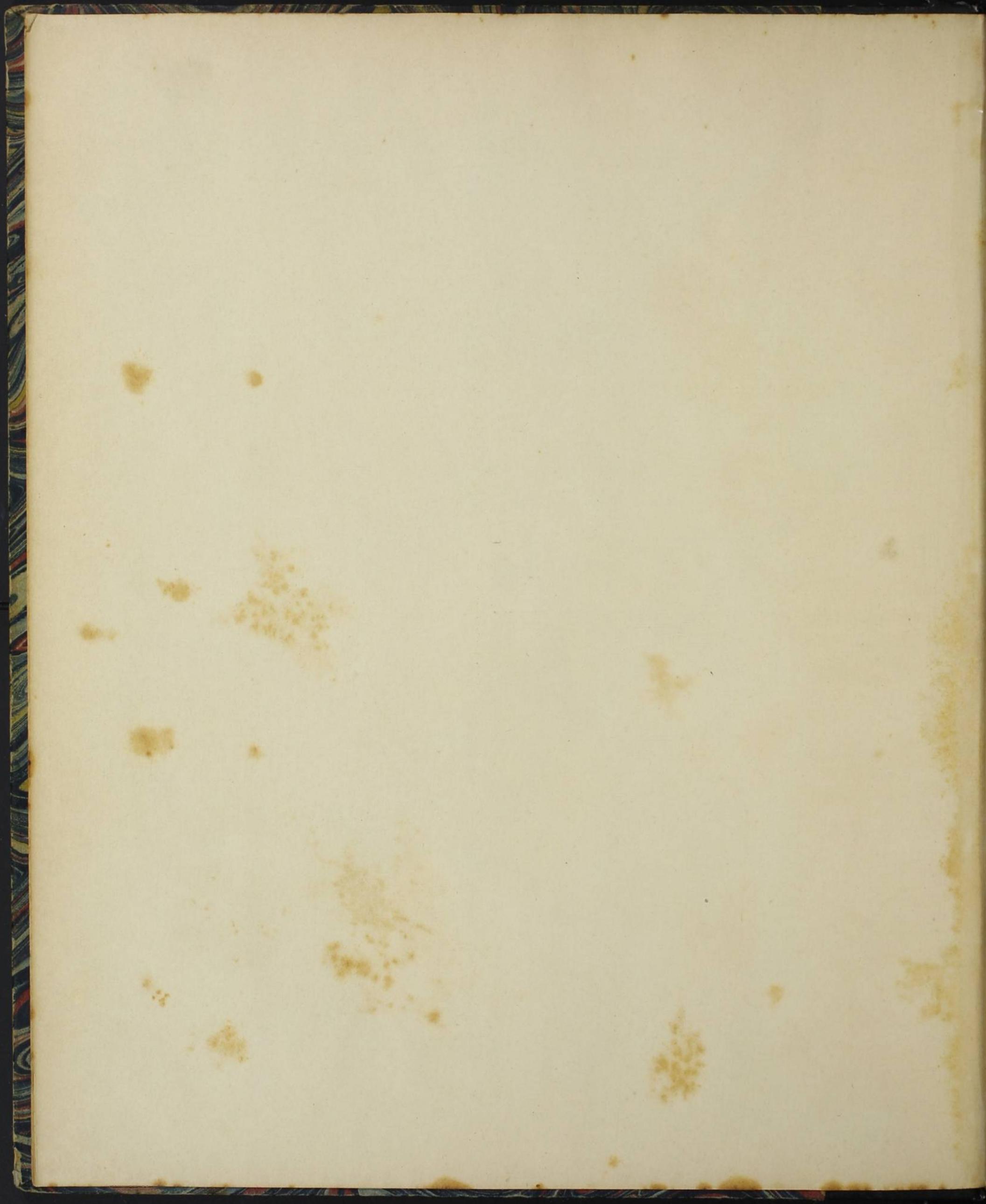


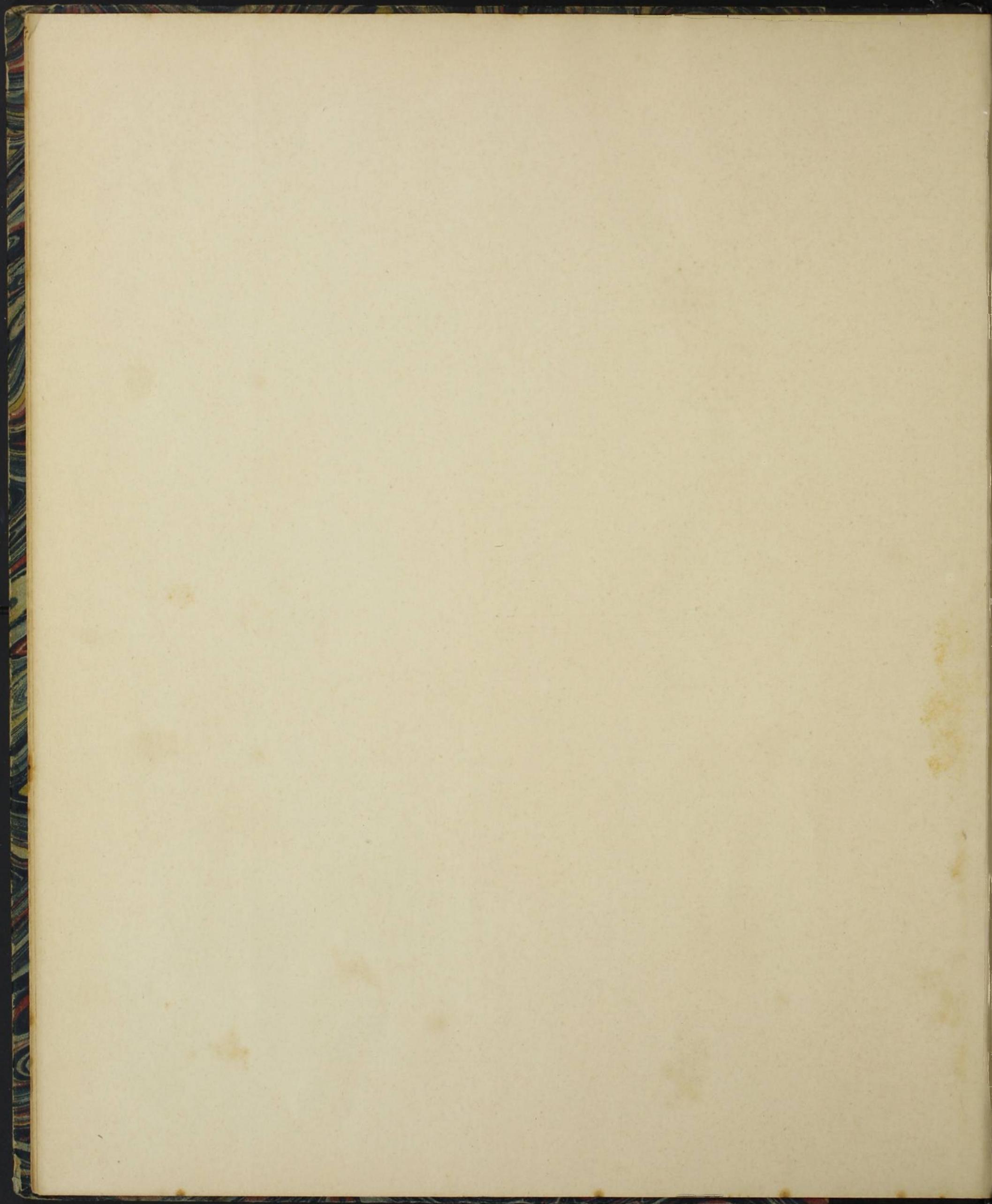
le ne fay rien
sans
Gayeté

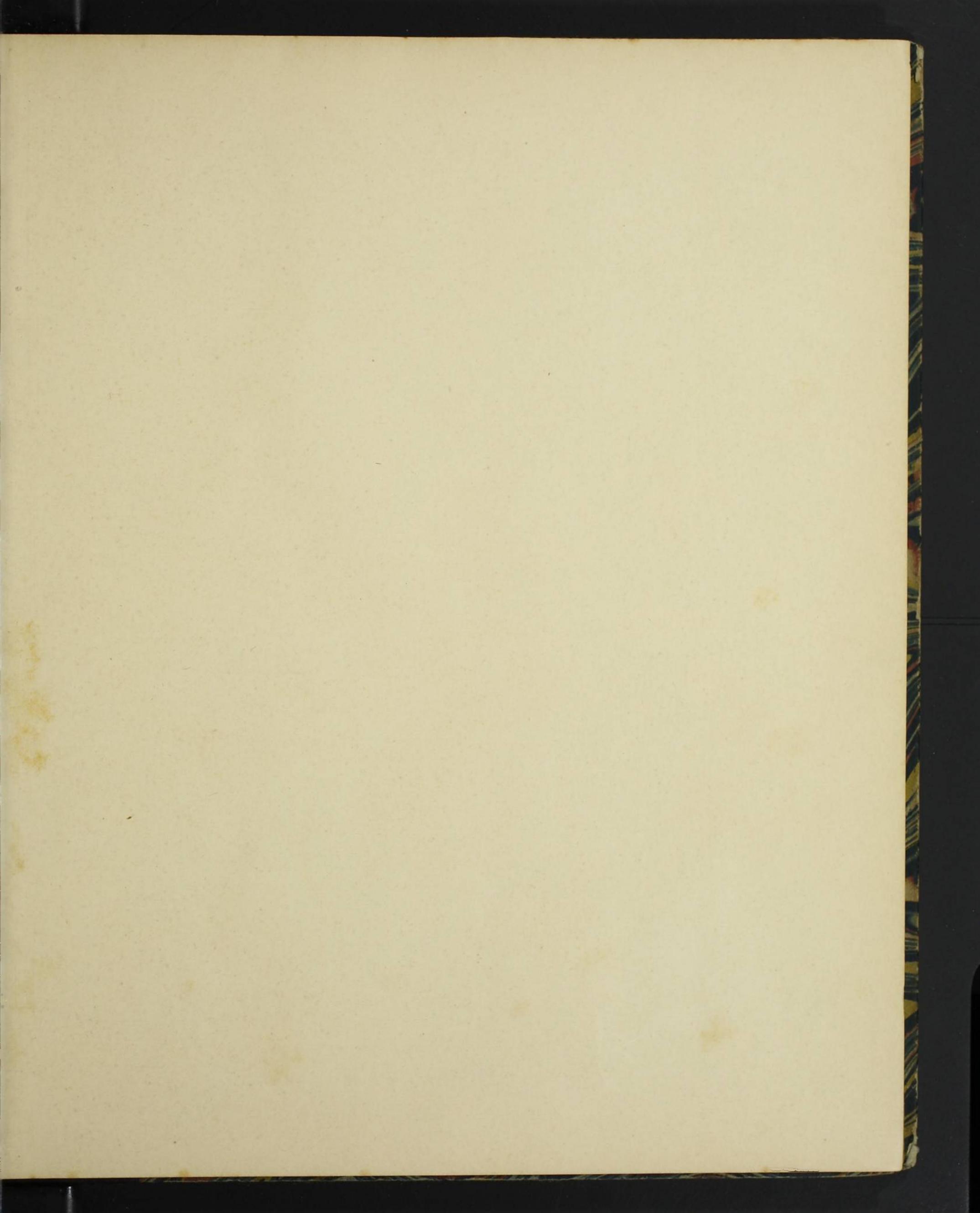
(Montaigne, Des livres)

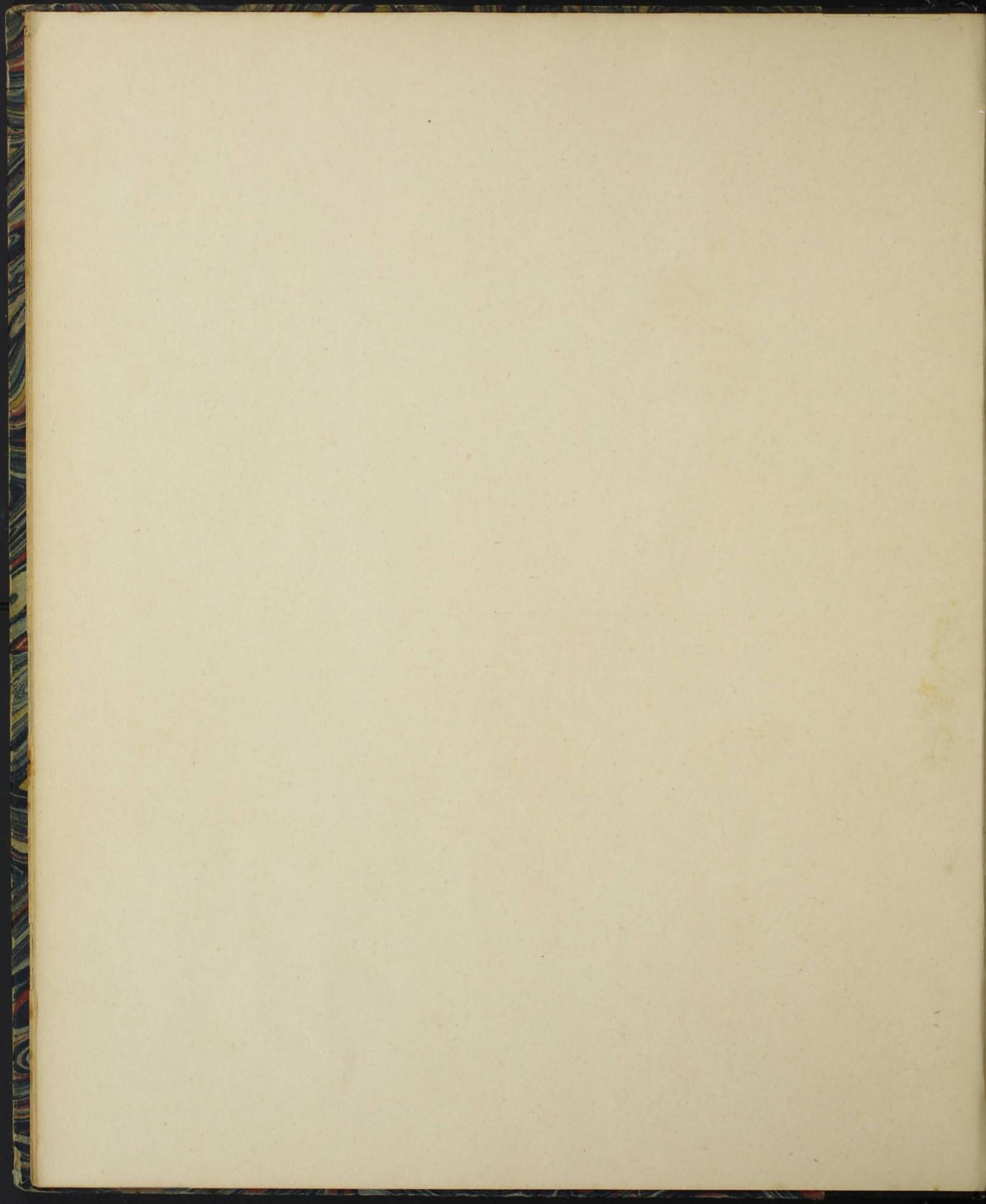
Ex Libris
José Mindlin

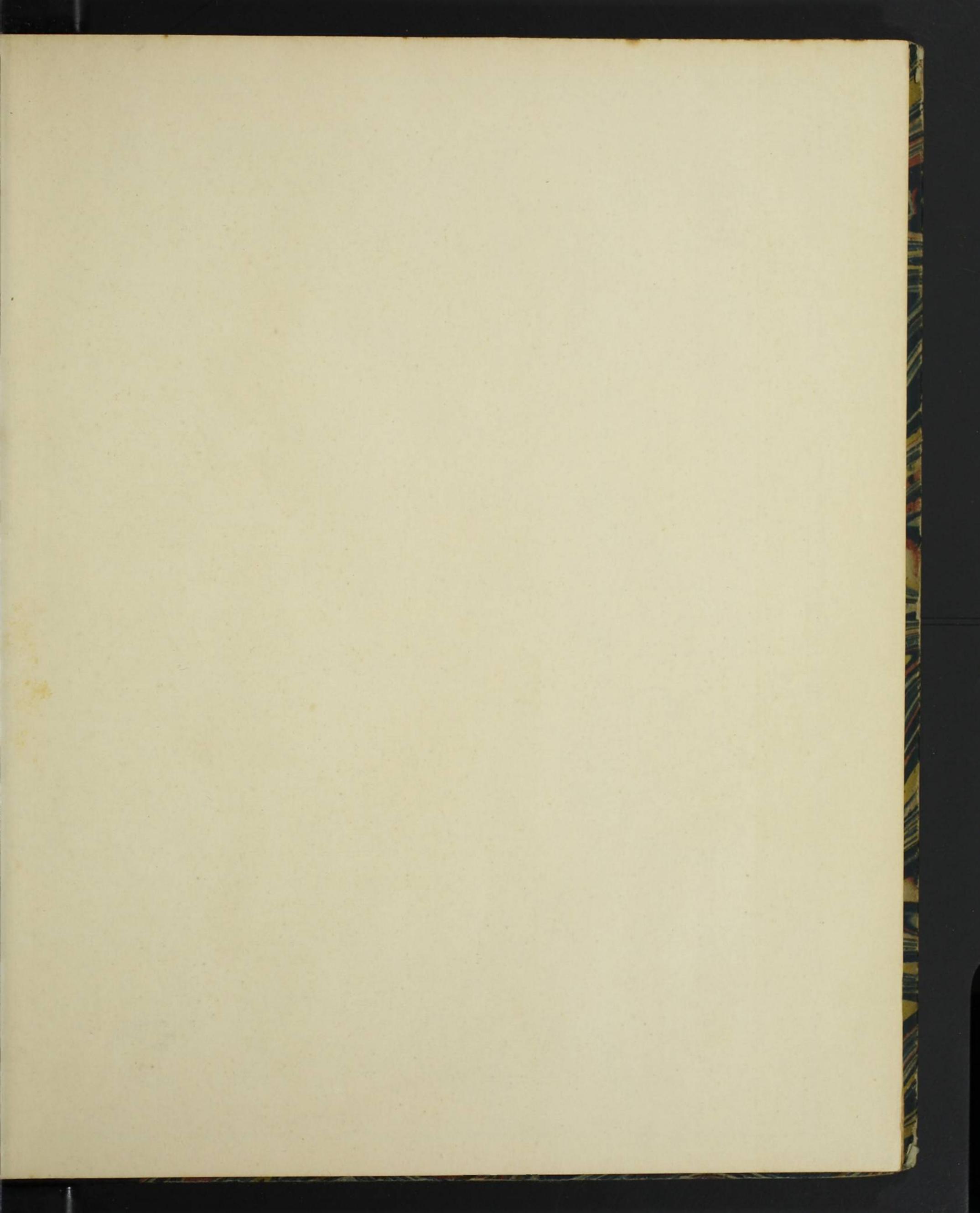


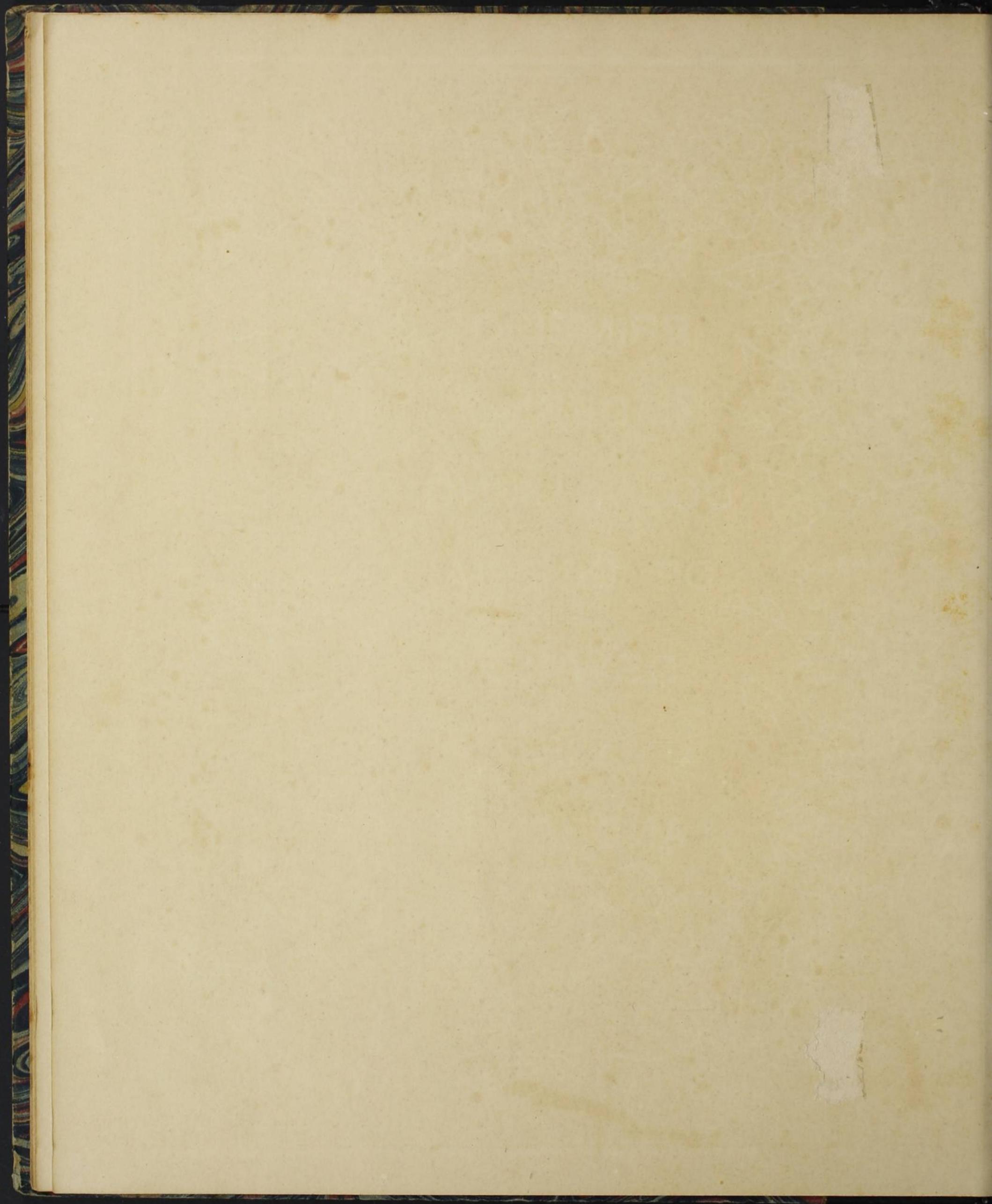












CAPITAL
FEDERAIS

CASTA-
NHA DO
PARAÍ



NA BA-
HIA TEM

CERGIPE

GUANA-
BARA

GOYABADA

RIO
PARAHI-
BA

SANTA
CATHARINA
DO MENI-
NO JESUS

LA NO
PIAUI

PRIMEIRO

CADERNO

DO ALUMNO

DE POESIA

OSWALD

DE

ANDRADE

FERNAMBUCO

VENTO
ZUL

SECCA
DO
CEARA

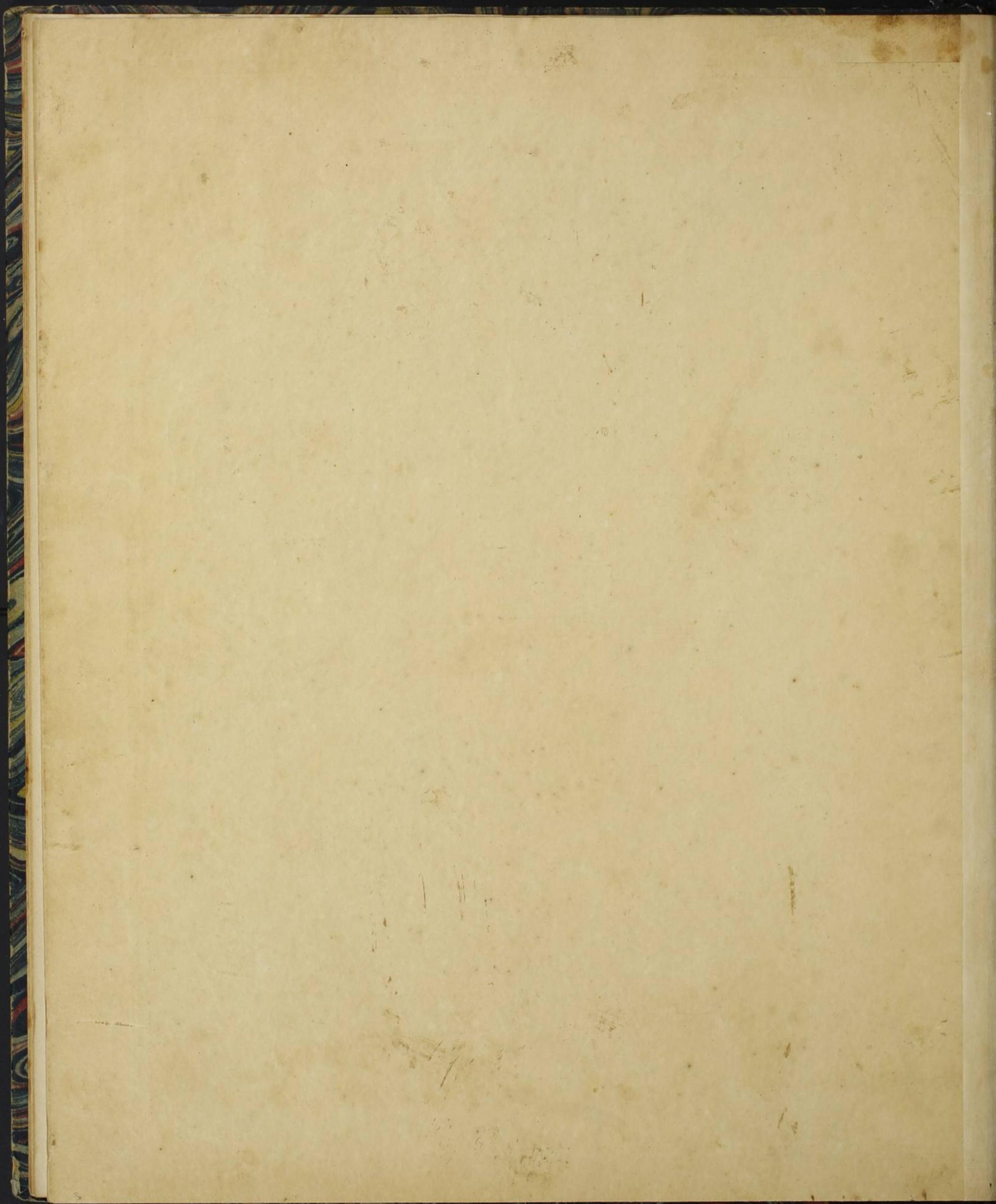
AMAZONA
S

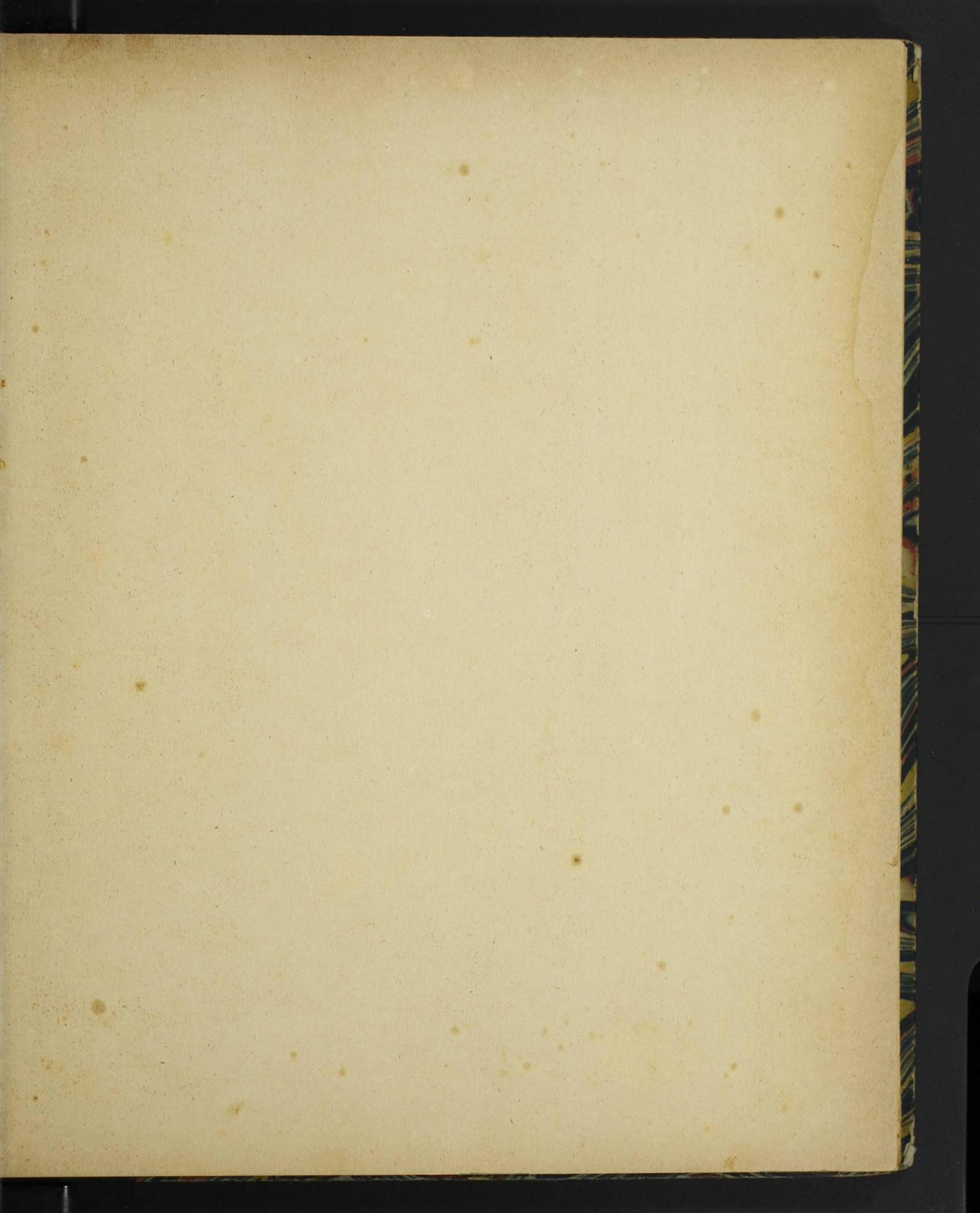
SANTOS

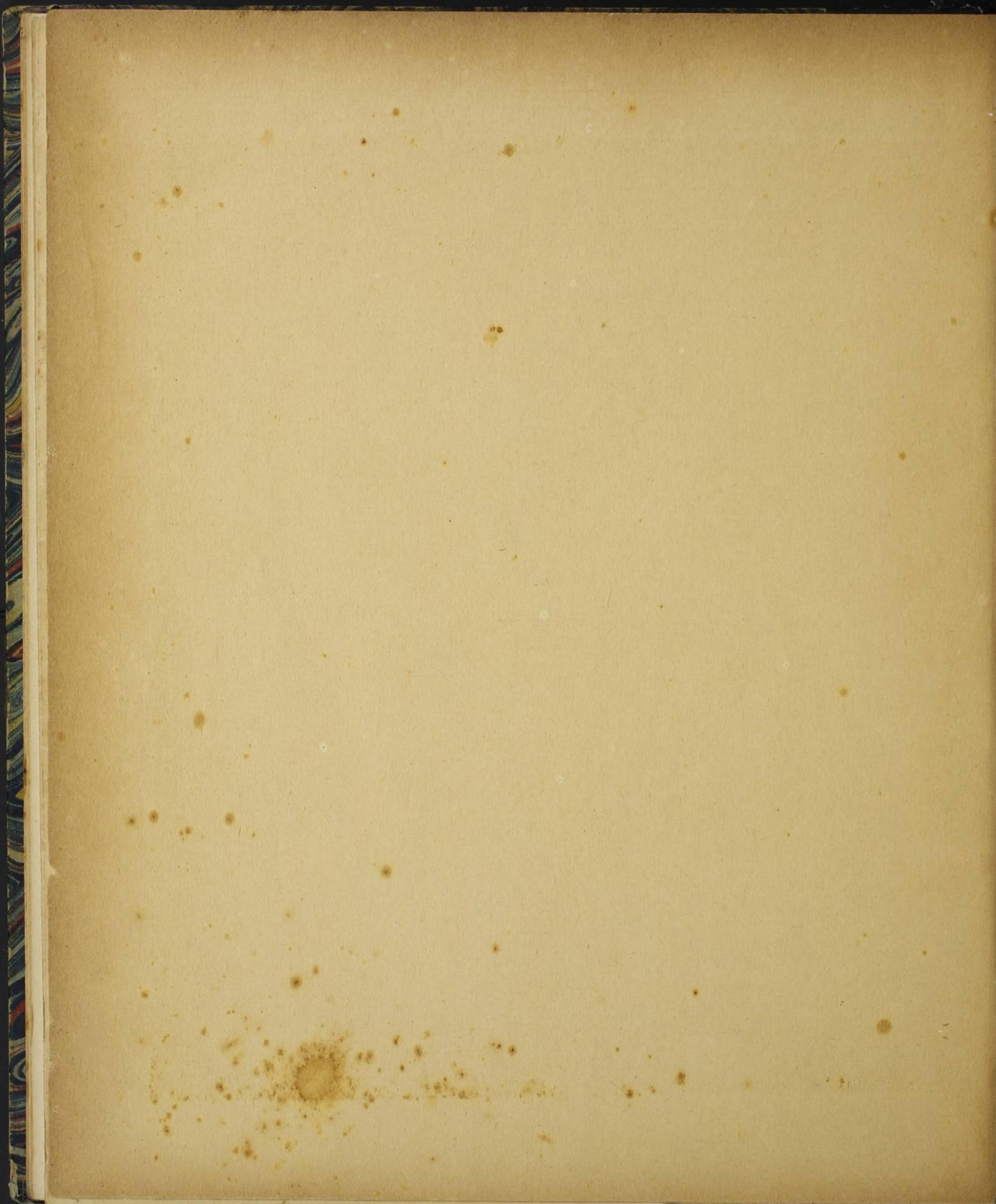
SAN
PAULO

DIAMANTI-
NA

PINHO
DO PARANA

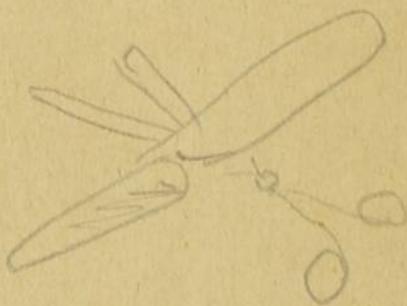




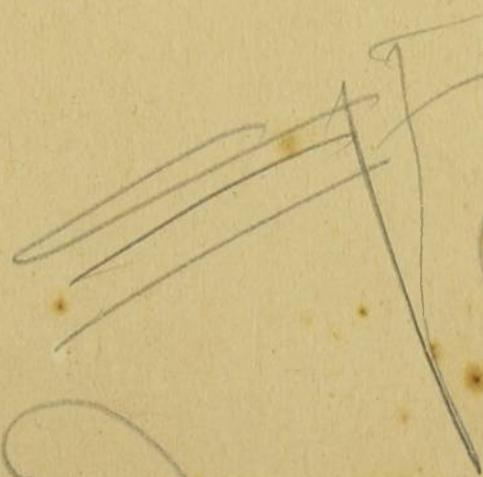


Para o
Pedro Nave

PRIMEIRO CADERNO
DO ALUMNO DE POESIA
OSWALD DE ANDRADE



Viva o Jahu



Oswald



Do mesmo autor :

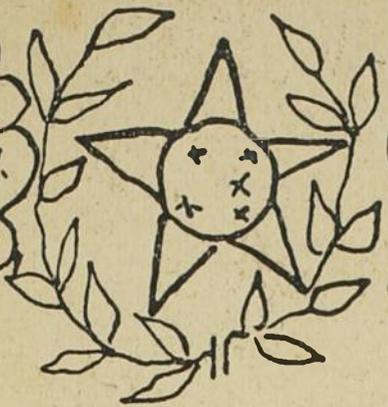
Certas paginas das MEMORIAS SENTIMENTAES
DE JOÃO MIRAMAR.

Diversos poemas de PAU BRASIL.

TODAS AS DESCOMPOSTURAS.

CAPITAL
FEDERAL

CASTA-
NHA DO
PARAÍ



NA BA-
HIA TEM

FERNAMBUCO

CERGIPE

PRIMEIRO

CADERNO

GUANA-
BARA

DO ALUMNO

VENTO
ZUL

GOYABADA

DE POESIA

SECCA
DO
CEARA

RIO
PARAHI-
BA

OSWALD

AMAZONA
S

DE

SANTA
CATHARINA
DO MENI-
NO JESUS

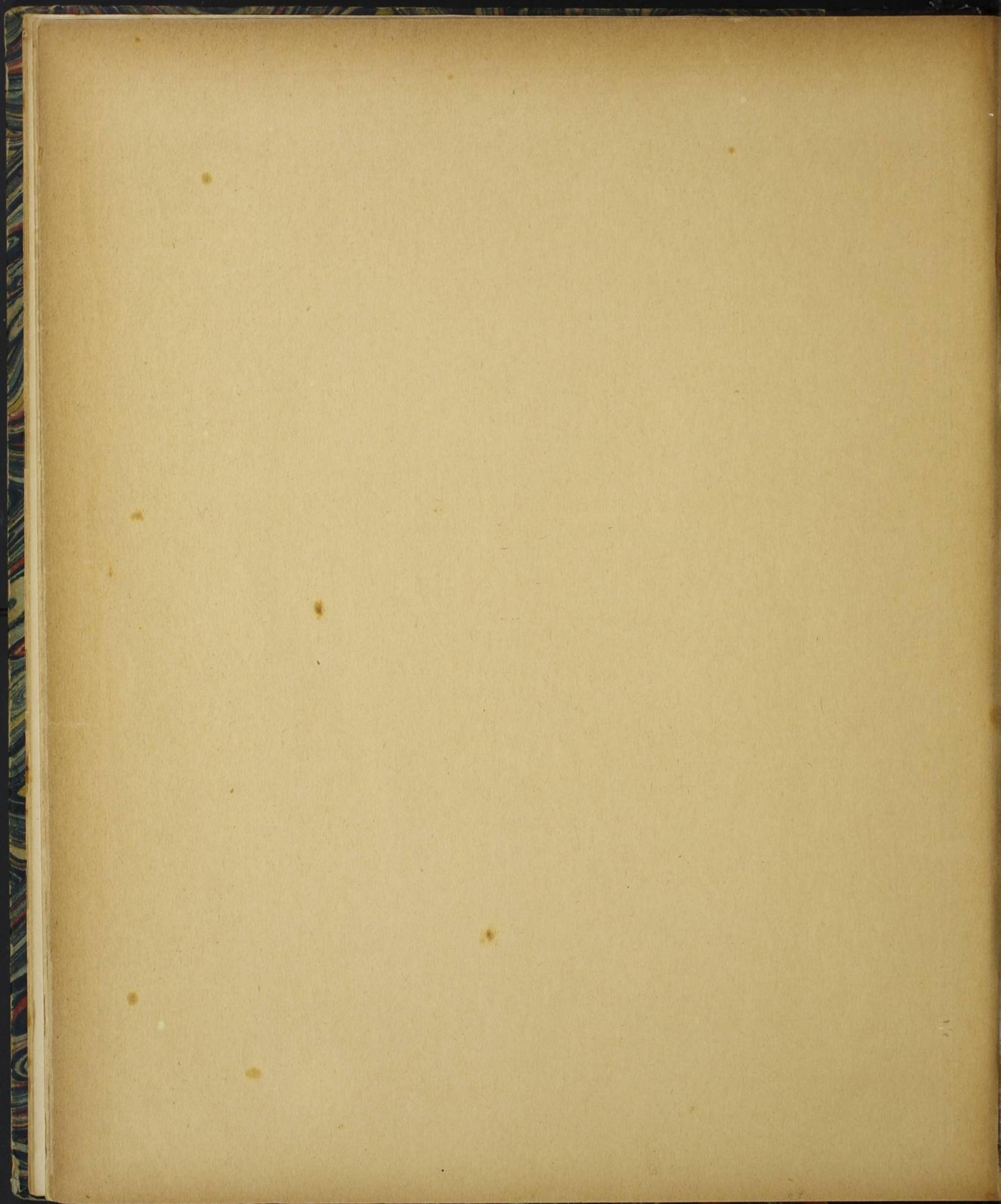
ANDRADE

SANTOS

LA NO
PIAUHI

SAN
PAULO

PINHO
DO PARANA
DIARANTI-
NA



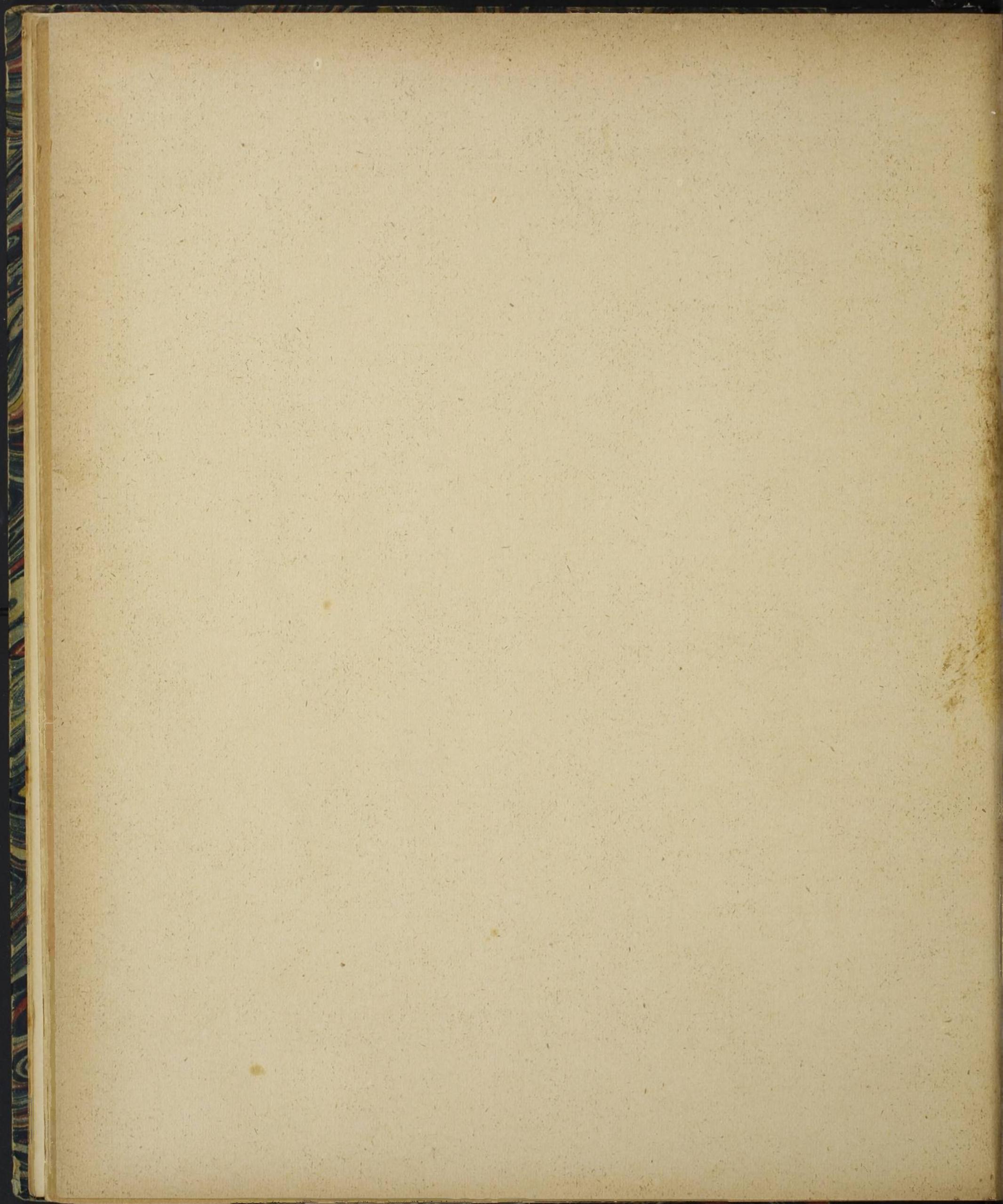
ESCOLA : *Pau Brasil*

CLASSE : *primaria*

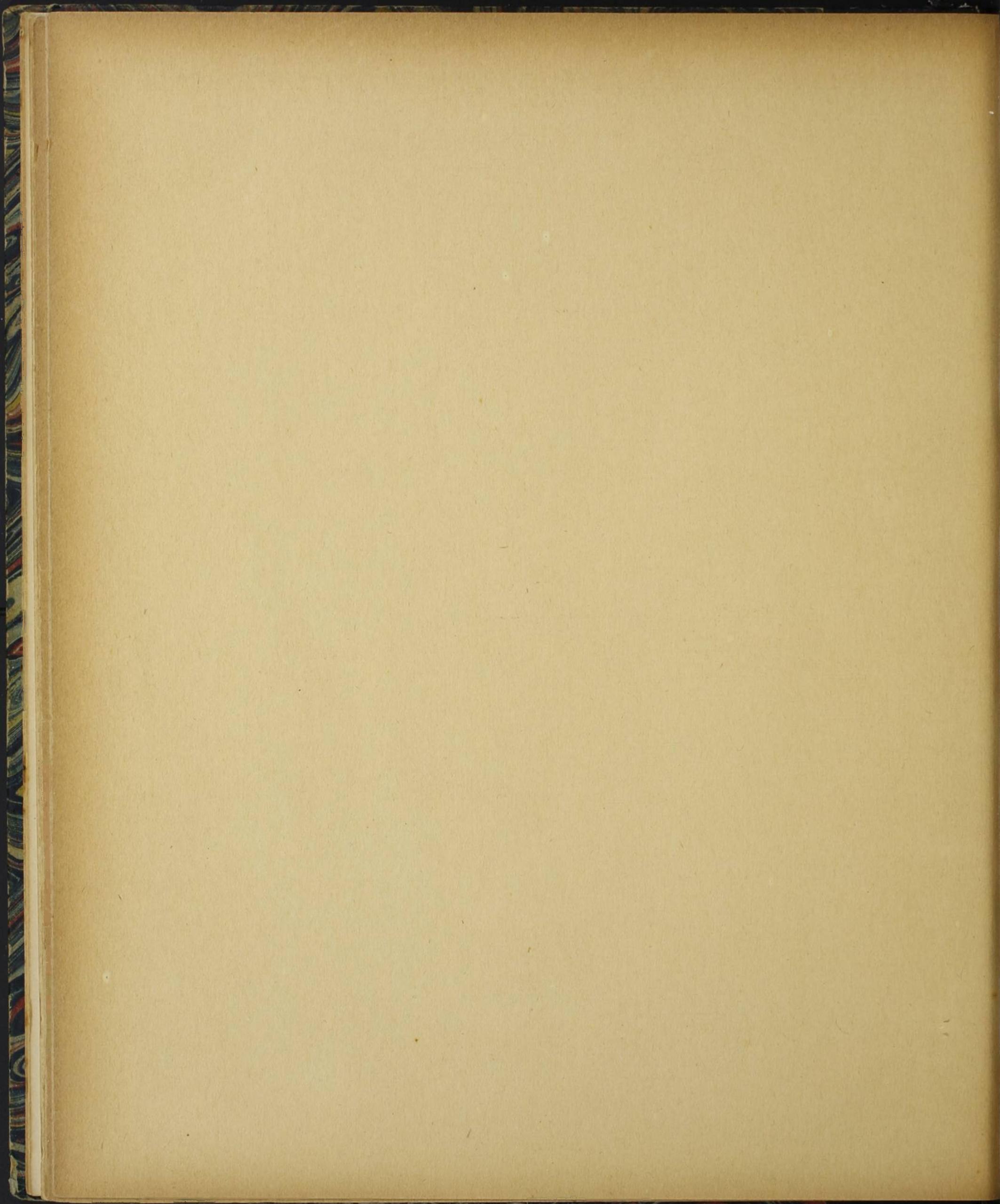
SEXO : *masculino*

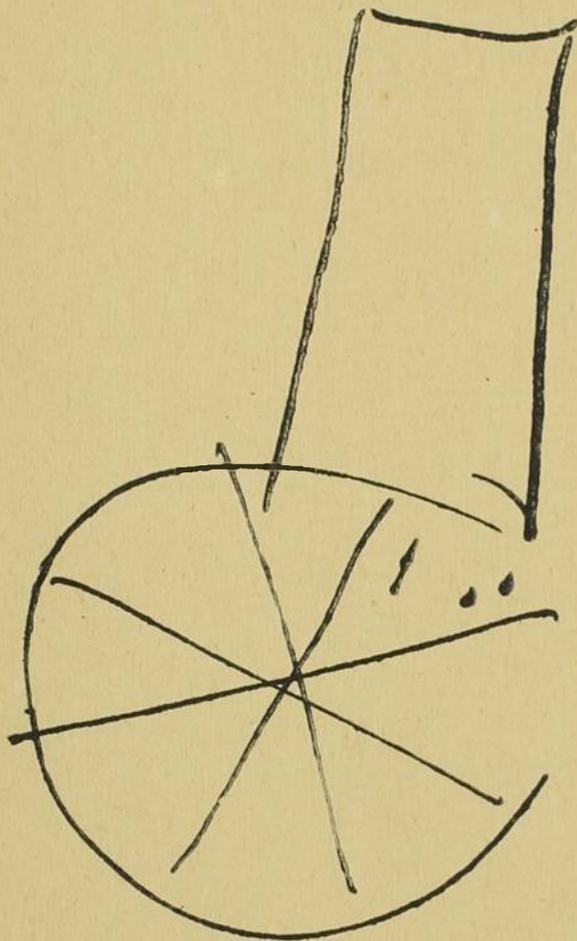
PROFESSORA : *A Poesia*

Viva o anno de 1927



Homenagem a JULIO PRESTES





A René Bacharach

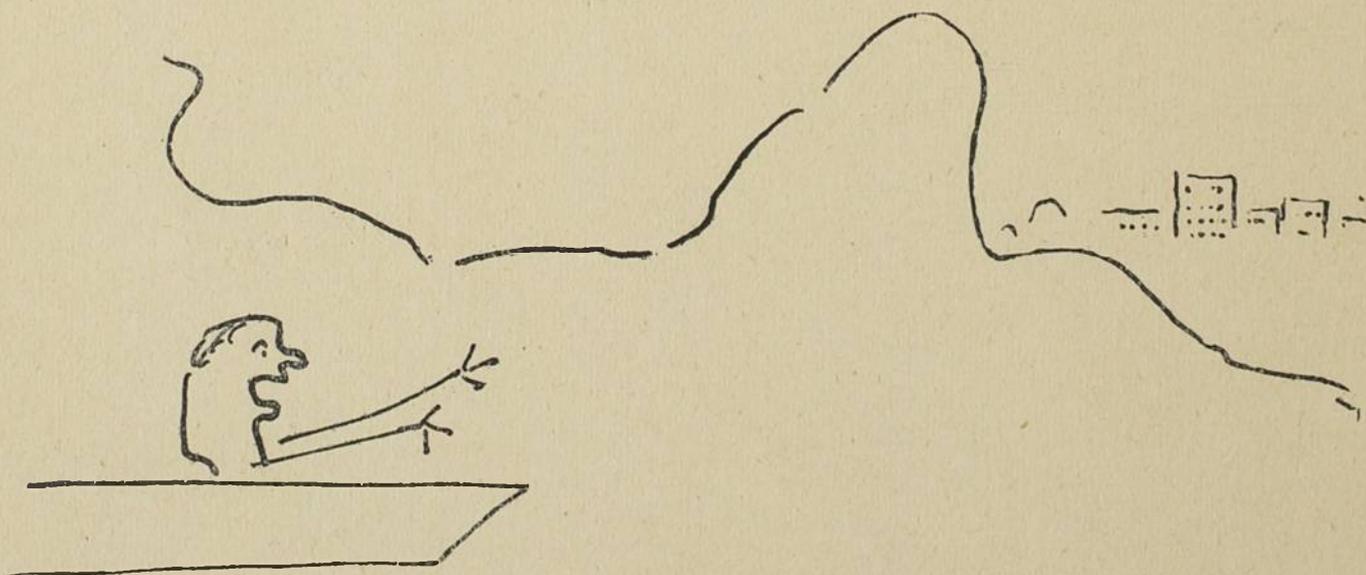
Amor

Humor

A Mario Guastini

Anachronismo

O portuguez ficou commovido de achar
Um mundo inesperado nas aguas
E disse: Estados Unidos do Brasil



Brinquedo

Roda roda São Paulo
Mando tiro tiro lá

Da minha janella eu avistava
Uma cidade pequena
Pouca gente passava
Nas ruas. Era uma pena

Desceram das montanhas
Carochinhas e pastoras
Por dormir em meus olhos
Me levaram pra abrolhos

Os bondes da Light bateram
Telefones na ciranda
Os automoveis correram
Em redor da varanda

Roda roda São Paulo
Mando tiro tiro lá

Brinquedos de comadre
Começaram pela vida
Pela vida começaram
Comadres e mexericos

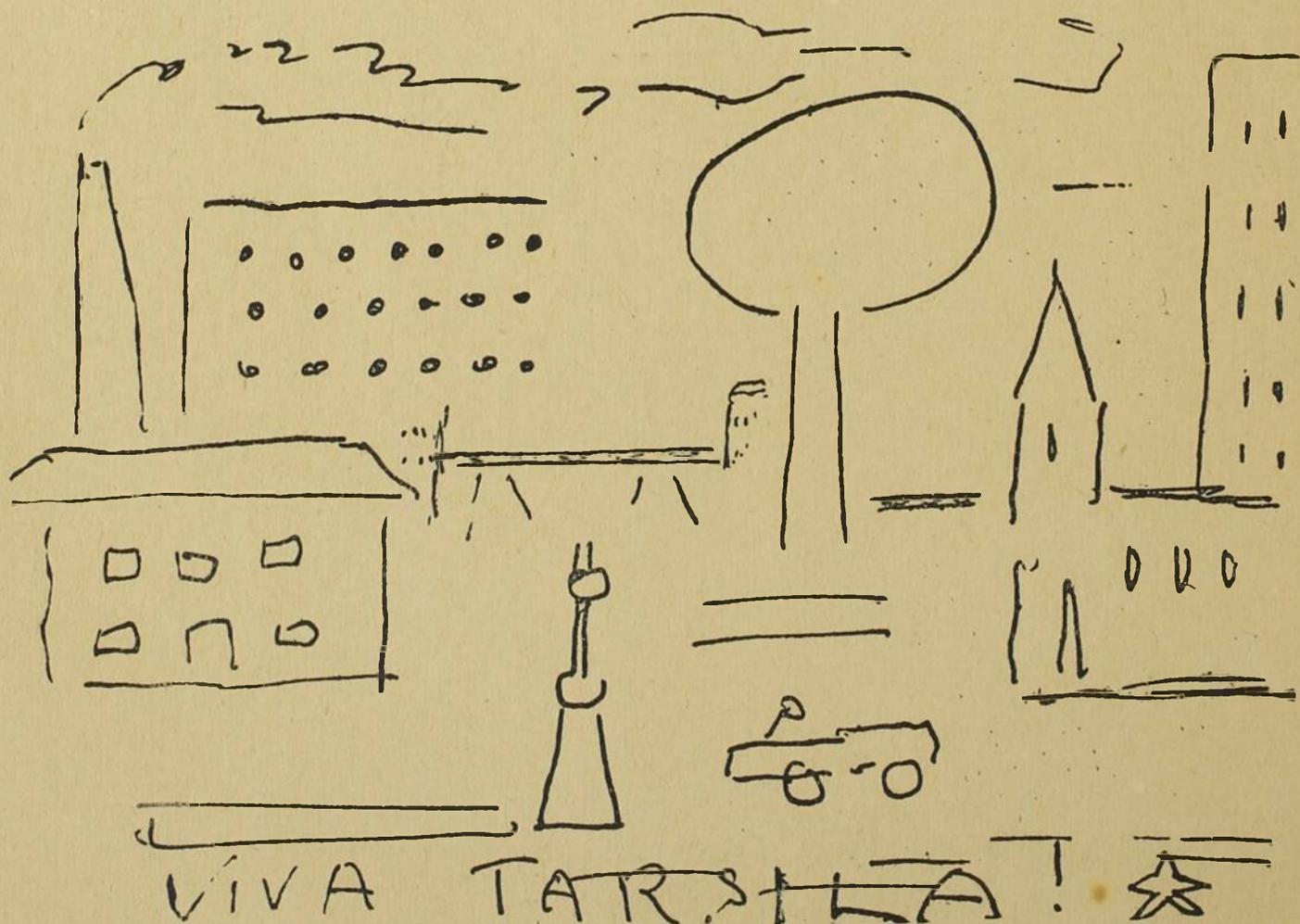
Roda roda São Paulo
Mando tiro tiro lá

Depois entrou no brinquedo
Um menino grandão
Foi o primeiro arranha céu
Que rodou no meu céu

Do quintal eu avistei
Casas torres e pontes
Rodaram como gigantes
Até que enfim parei

Roda roda São Paulo
Mando tiro tiro lá

Hoje a roda cresceu
Até que bateu no céu
E' gente grande que roda
Mando tiro tiro lá

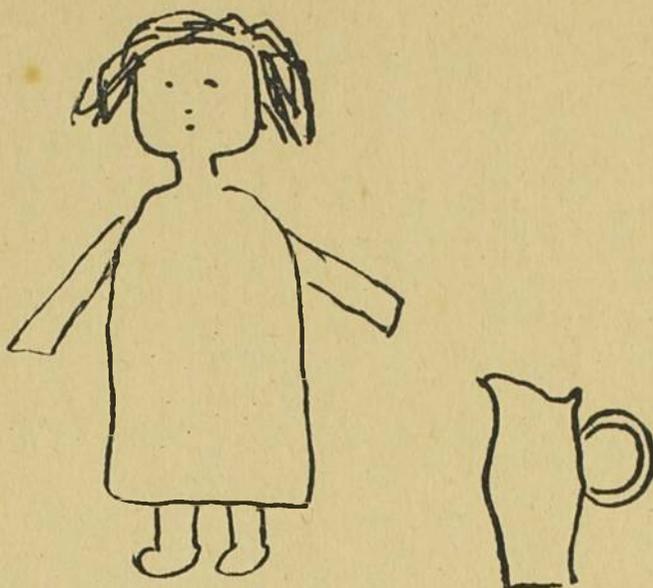


As quatro gares

Para o Alvaro Moreyra

Infancia

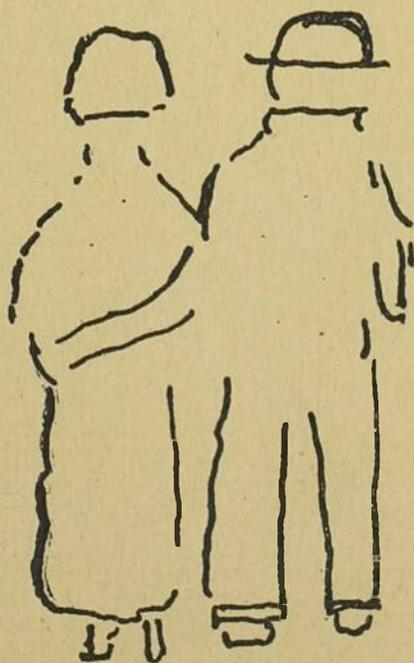
O camisolão
O jarro
O passarinho
O oceano
A visita na casa que a gente sentava no sofá



Ao Alcantara

Adolescencia

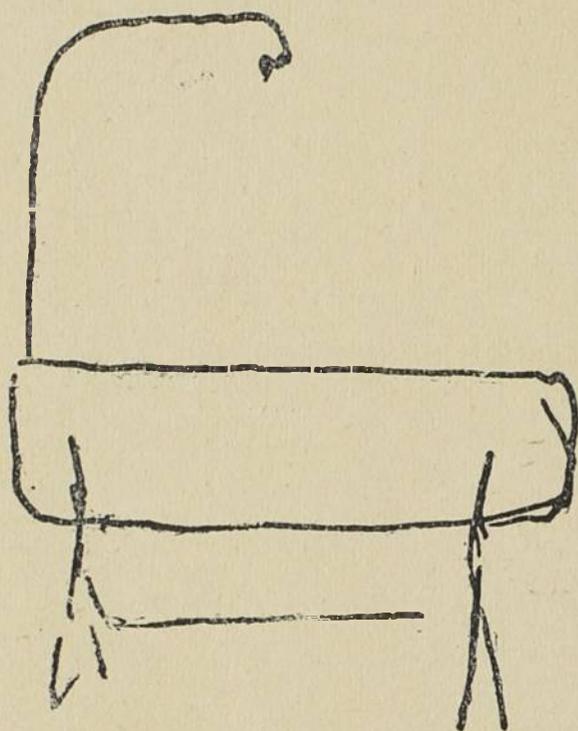
Aquelle amor
Nem me falle



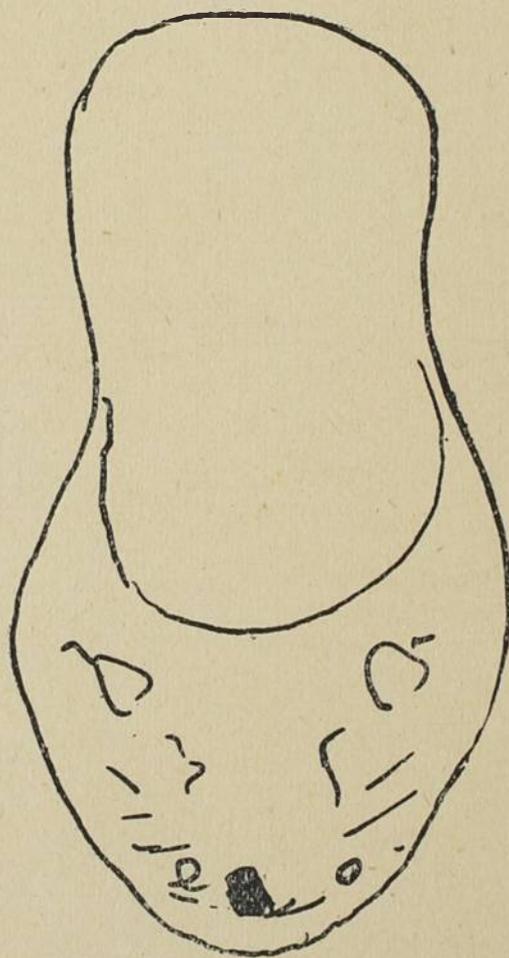
Ao Rubens

Maturidade

O Sr. e a Sra. Amadeu
Participam a V. Excia.
O feliz nascimento
De sua filha
Gilberta

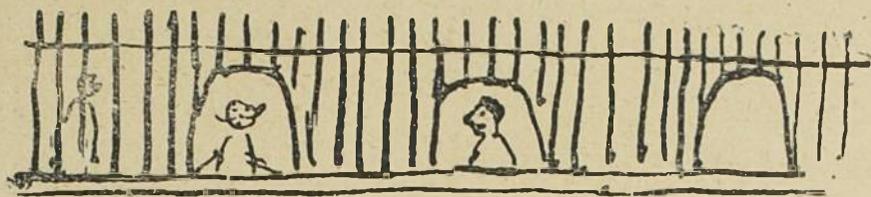


Para Sergio Buarque



Velhice

O netinho jogou os oculos
Na latrina



Ao Couto de Barros

Meus sete annos

Papae vinha de tarde
Da faina de labutar
Eu esperava na calçada
Papae era gerente
Do Banco Popular
Eu aprendia com elle

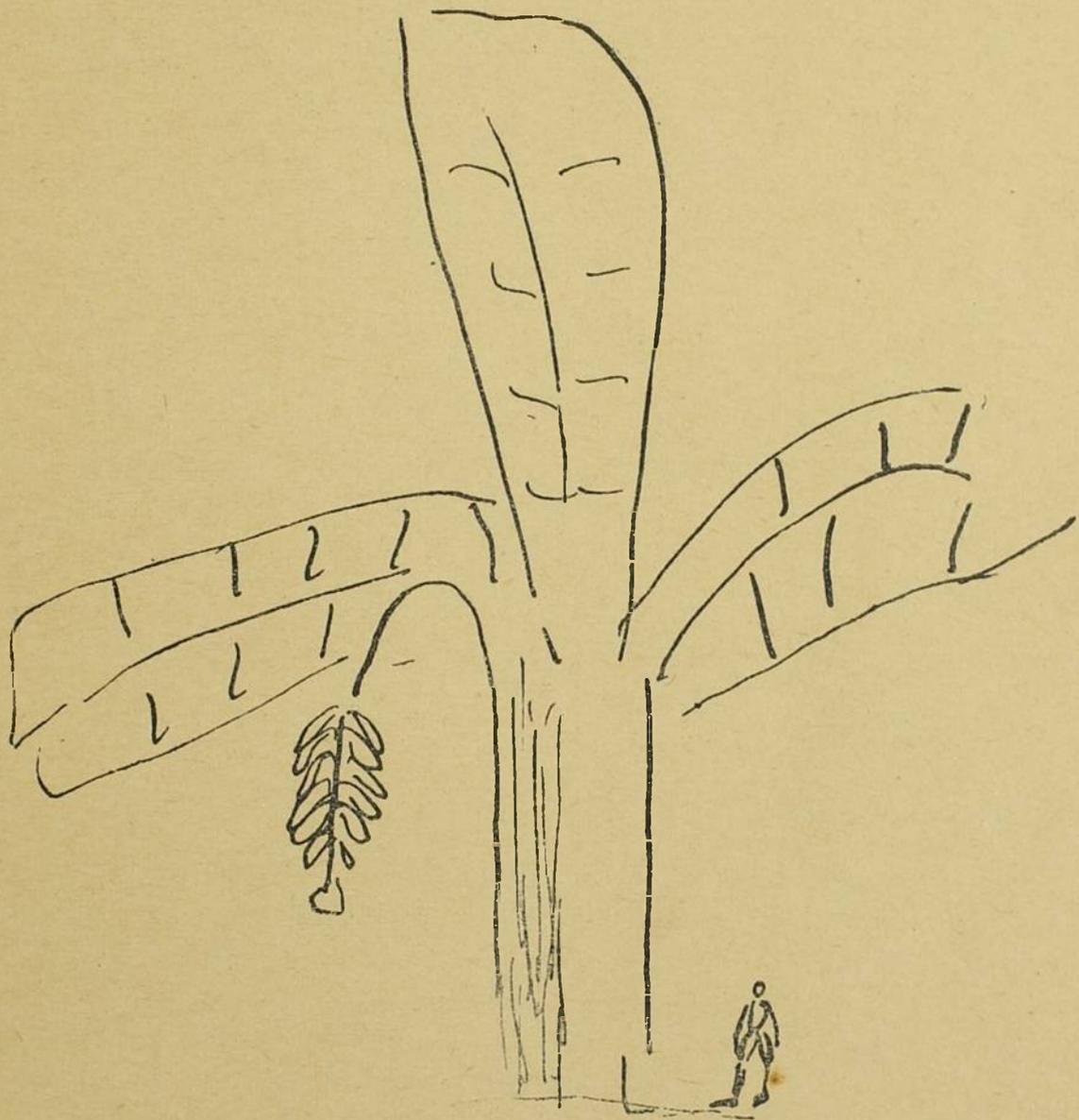
Os nomes dos negocios
Juros hypothecas
Praso amortização
Papae era gerente
Do Banco Popular
Mas descontava cheques
No guichet do coração

Para Dolur

Meus oito annos

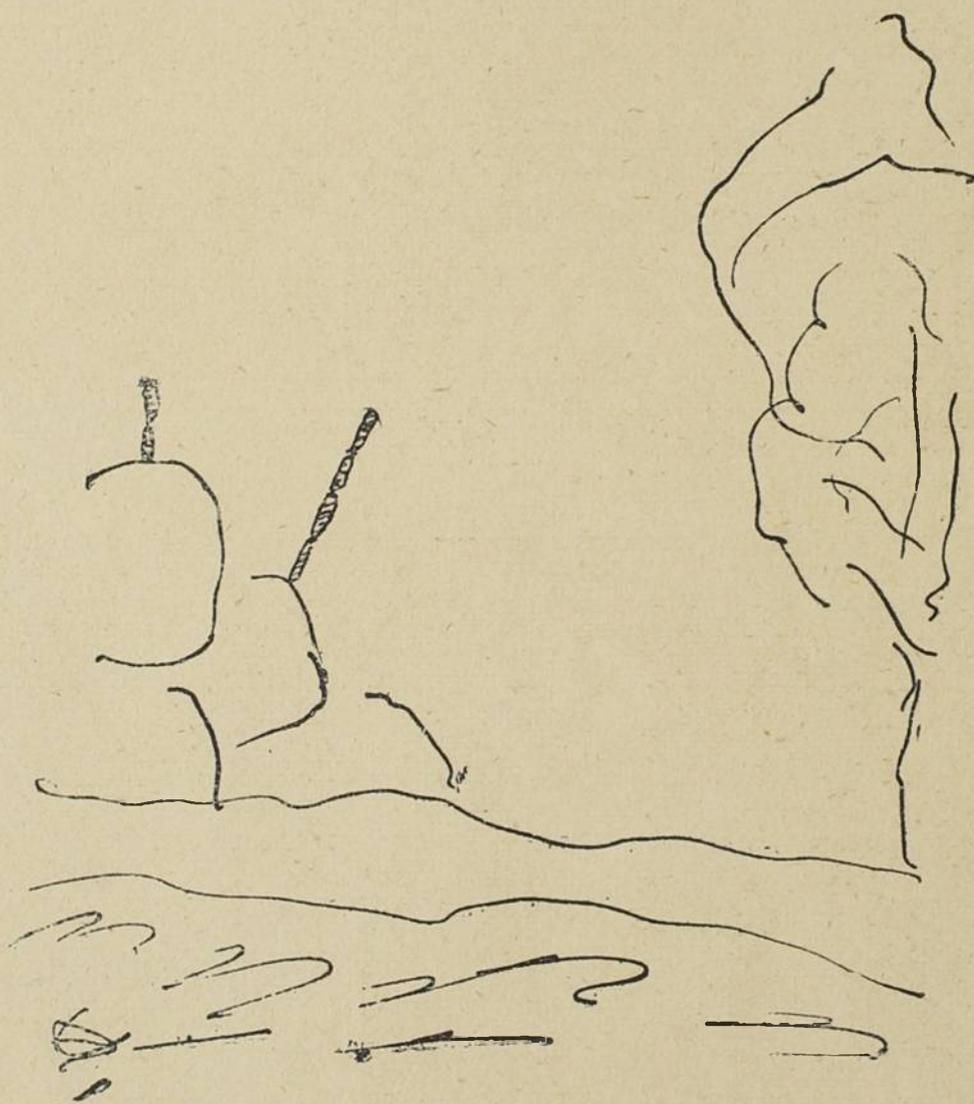
Oh que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida
Das horas
De minha infancia
Que os annos não trazem mais
Naquelle quintal de terra
Da Rua de Santo Antonio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjaes

Eu tinha doce visões
Da cocaina da infancia
Nos banhos de astro - rei
Do quintal de minha ancia
A cidade progredia
Em roda de minha casa
Que os annos não trazem mais
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjaes



Ao Tacito

Fazenda

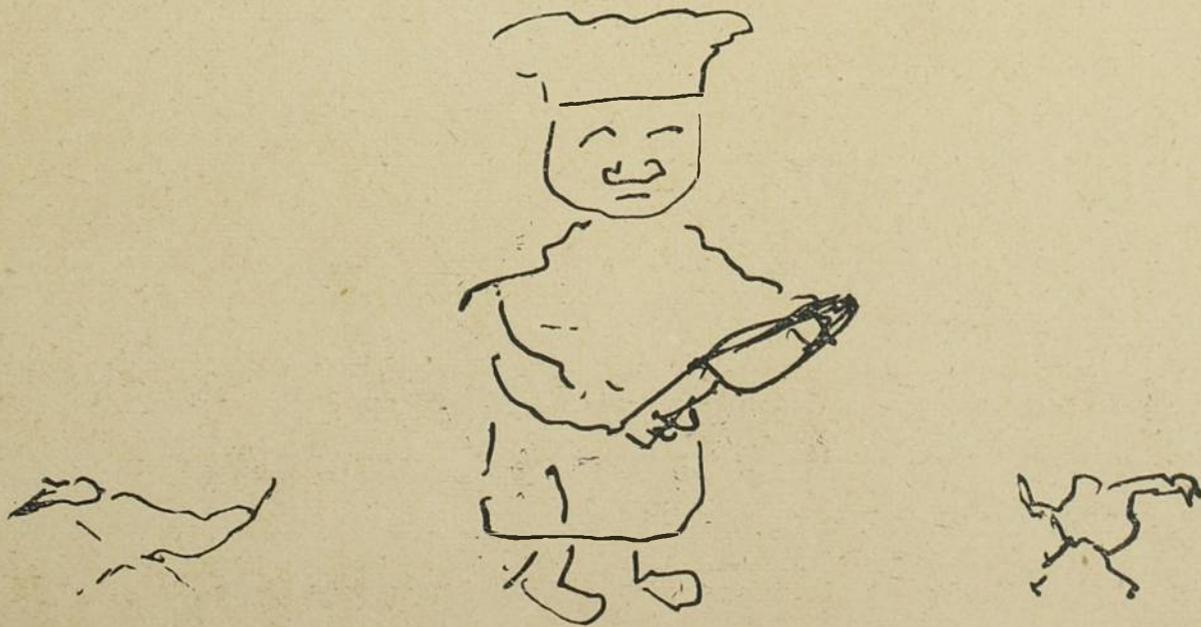


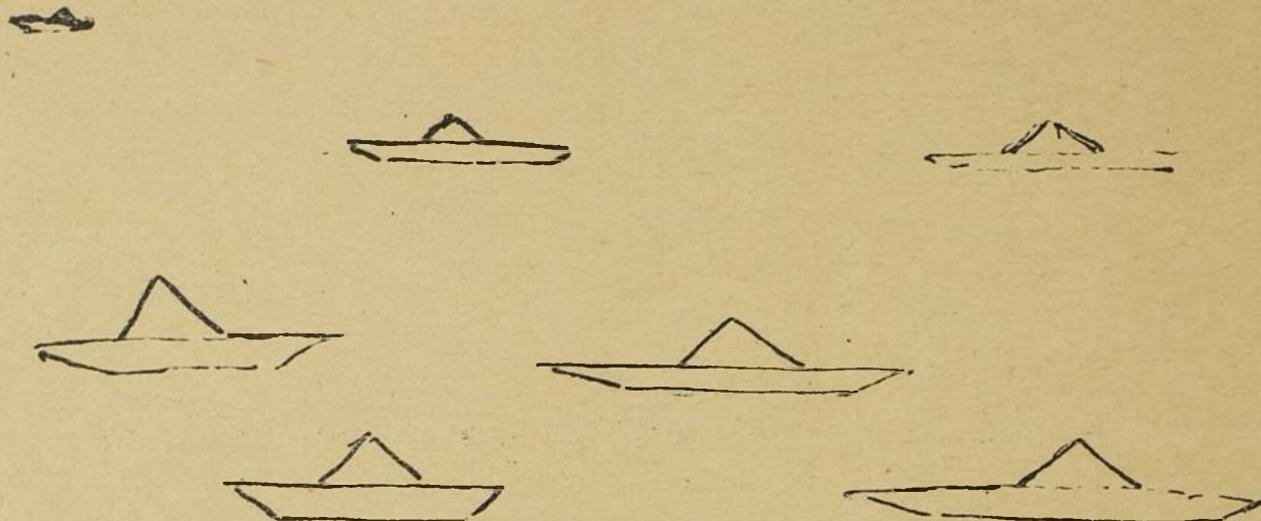
O mandacarú espiou a mijada da moça

A Baby e Guy

Enjambement do cosinheiro preto

Chamava-se José
José Prequeté
A sua habilidade consistia em matar de longe
Decepando com uma larga e certa faca
Cabeças
De frangos, patos, marrecos, perús, emfim
Da gallinhada solta no quintal
Do Grande Hotel Mello





Ao Manoel Bandeira

Historia Patria

Lá vae uma barquinha carregada de

Aventureiros

Lá vae uma barquinha carregada de

Bachareis

Lá vae uma barquinha carregada de

Cruzes de Christo

Lá vae uma barquinha carregada de

Donatarios

Lá vae uma barquinha carregada de

Hespanhoes

Paga prenda
Prenda os espanhoes!

Lá vae uma barquinha carregada de

Flibusteiros

Lá vae uma barquinha carregada de

Governadores

Lá vae uma barquinha carregada de

Hollandezes

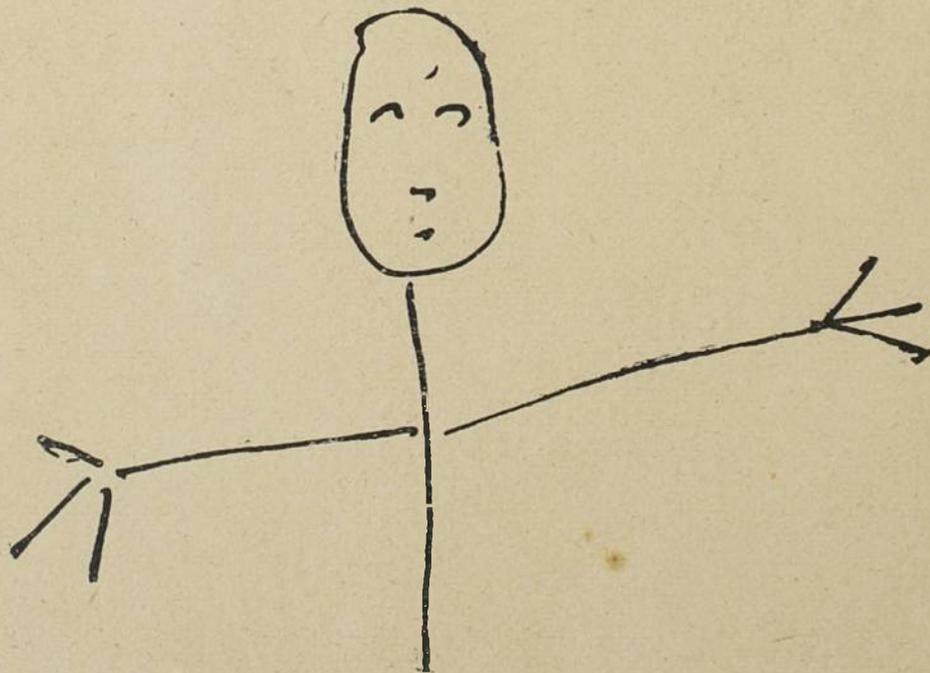
Lá vem uma barquinha cheinha de indios
Outra de degradados
Outra de pau de tinta

Até que o mar inteiro
Se coalhou de transatlanticos
E as barquinhas ficaram
Jogando prenda coa raça misturada
No litoral azul de meu Brasil

Ao Prudentinho

O filho da Comadre Esperança

Era o desherdado
Tinha uma historia de envenenamento
No passado
Magro pallido trabalhador
Mas agora á força de lutar
Conseguiu uma posição na Bolsa de Mercadorias
E comprou um chapéu novo



A Gofredo

Ballada do Esplanada

Hontem á noite
Eu procurei
Ver se aprendia
Como é que se fazia
Uma ballada
Antes d'ir
Pro meu hotel

E' que este
Coração
Já se cansou
De viver só
E quer então
Morar comtigo
No Esplanada

Eu qu'ria
Poder
Encher
Este papel
De versos lindos
E' tão distincto
Ser menestrel

No futuro
As gerações
Que passariam
Diriam
E' o hotel
Do menestrel

Pra m'inspirar
Abro a janella
Como um jornal
Vou fazer
A balada
Do Esplanada
E ficar sendo
O menestrel
De meu hotel

Mas no ha poesia
Num hotel
Mesmo sendo
'Splanada
Ou Grand - Hotel

Ha poesia
Na dôr
Na flôr
No beija - flôr
No elevador

Offerta

Quem sabe
Se algum dia
Traria
O elevador
Até aqui
O teu amor

NÃO FUNCIONA

A D. Helena Rocha

Hymno Nacional do Paty do Alferes

Eu quero fazer um poema
Rachado e sentimental
Como as bandas de musica
De meu paiz natal

Eu quero fazer um poema
De todo o amor que eu sinto
Pelas palmas e bandeiras
Do meu paiz musical

Eu quero fazer um poema
De flores de papel
Laranja azul encarnado
Branco e verde - amarel

Ah! Meu Brasil! Meu Brasil!
Eu já morei foragido
Numa casa rota
Que dava para o mar
Já morei no Normandy de Deauville
E num navio de guerra
E nas ruas e nos portos
Das terras mais imaginarias

Mas quando tu reapareces
Sob o hemispherio estrellado
Esperando a presidencia do Dr. Washington Luis
O' Brasil
Meu coração feito de pedaços
Se unifica
E proclama
A independencia das lagrimas

Fico eleitor
Cidadão vacinado
Sólto foguetes
Faço dobrados

Foi assim que eu vim parar
Nas paragens do Paty do Alferes
E conheci a charanga do Arcozello
Toda kaki e preta

Vocês não ouviram
A charanga da fazenda do Arcozello

E' generosa e metalica
A casa é cercada de velhas senzalas
Transfiguradas pela picareta do Progresso
A mão dura de Geraldo
Transformou a terra desabandonada
Numa patria organizada de gado
E valorizou até as estrelas
Que dividem o céu em sindicatos
Para ouvir os ensaios
Da banda do Arcozello

Arquitetos de minha terra
Vinde aprender arquitetura
No Paty do Alferes
Donas de casa
Que servis tolamente á franceza
Vinde provar
A mesa saborosa
Do Arcozello
Bebedores
Vinde gozar a pinga do Paraizo

Como a gente levanta cedo nas fazendas
Antes das primeiras pinceladas
Da pintora Aurora
Vamos dormir
Para sair amanhã
Todos vestidos de cow-boy
E dobrar as quebradas da serra
E deixar o sangue dos passaros
E das cobras
Nos caminhos

Meu quarto tem tres portas
Que dão para outros quartos
Onde ficam as portas
Dos quartos das assombrações

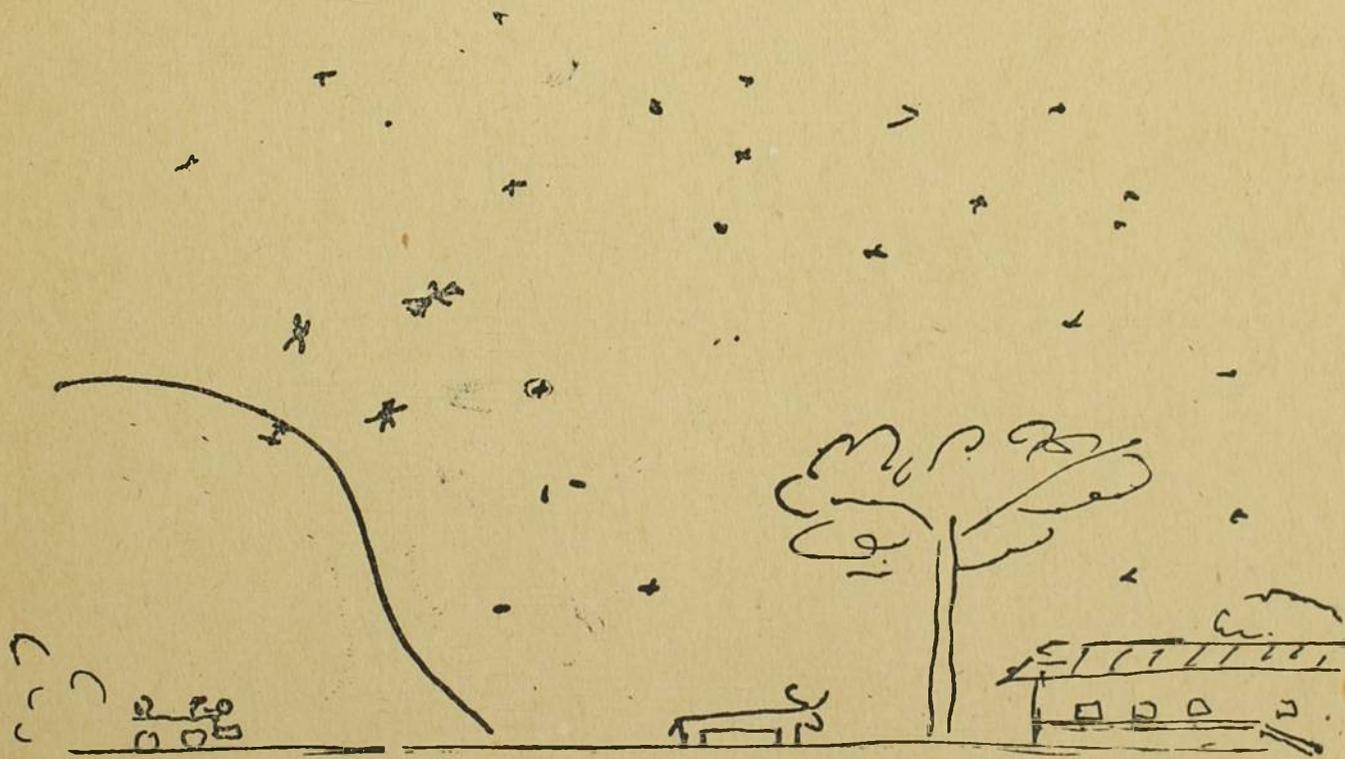
As estrelas são
A estrela d'alva
A estrela do Pastor
Vesper
E o Anjo da Guarda de cada um

As assombrações são
A Inspiração e a Saudade
E os falecidos das nossas relações

Para ver tantas maravilhas
O Cruzeiro do Sul
Espetou a cabeça num morro
E móra aqui
Blefando a rotação universal

E tudo isso
E' na fazenda do Arcozello
Bois arados e rosas
Cavallos e motocicletas

Tudo existindo
E tocando a marcha do Progresso
Que aprenderam com a banda
Da fazenda do Arcozello.



Para Trolyr

Brasil

O Zé Pereira chegou de caravella
E perguntou pro guarany da matta - virgem
— Sois christão?
— Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fornalha
Tomou a palavra e respondeu
— Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval

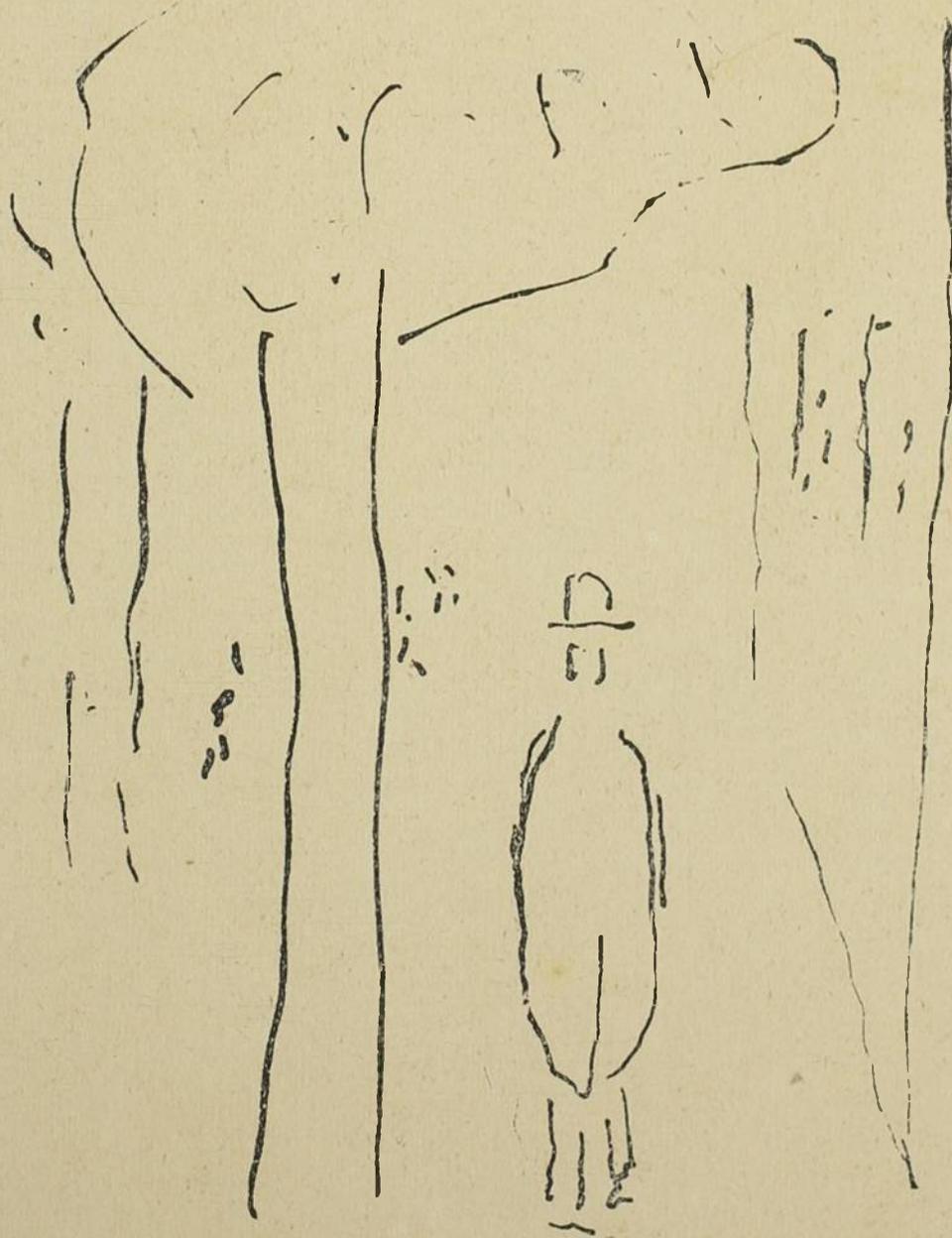


A Ribeiro Couto

Poema de fraque

No thermometro azul
Da cidade commovida
Faze as pazes
Com a vida
Sauda respeitosamente
As familias
Das janellas

Um balão vivo
Se destaca
Das primeiras estrellas
Lamparina ás avessas
Do santuario da terra
Faze as pazes
As creanças brincam



A' memoria de meu pae

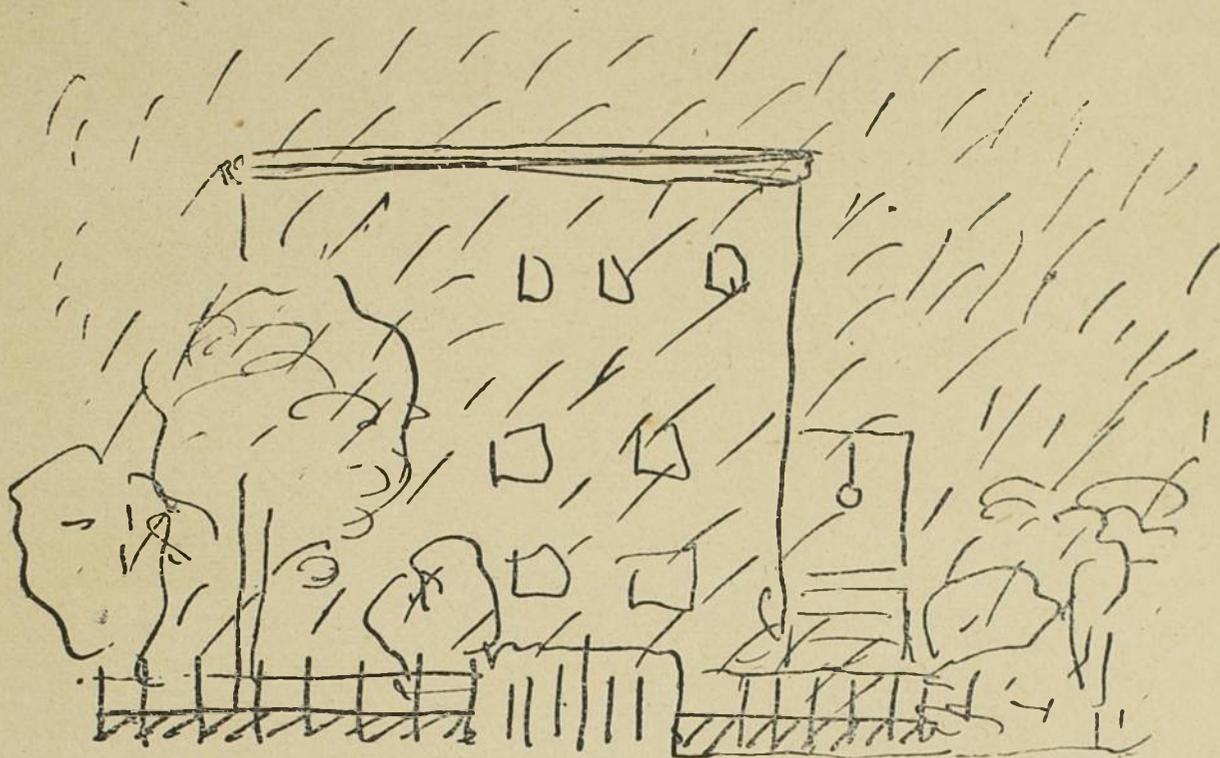
Soidão

Chove chuva choverando
Que a cidade de meu bem
Está-se toda se lavando

Senhor
Que eu não fique nunca
Como esse velho inglez
Ahi do lado
Que dorme numa cadeira
A' espera de visitas que não vem

Chove chuva choverando
Que o jardim de meu bem
Está-se todo se enfeitando

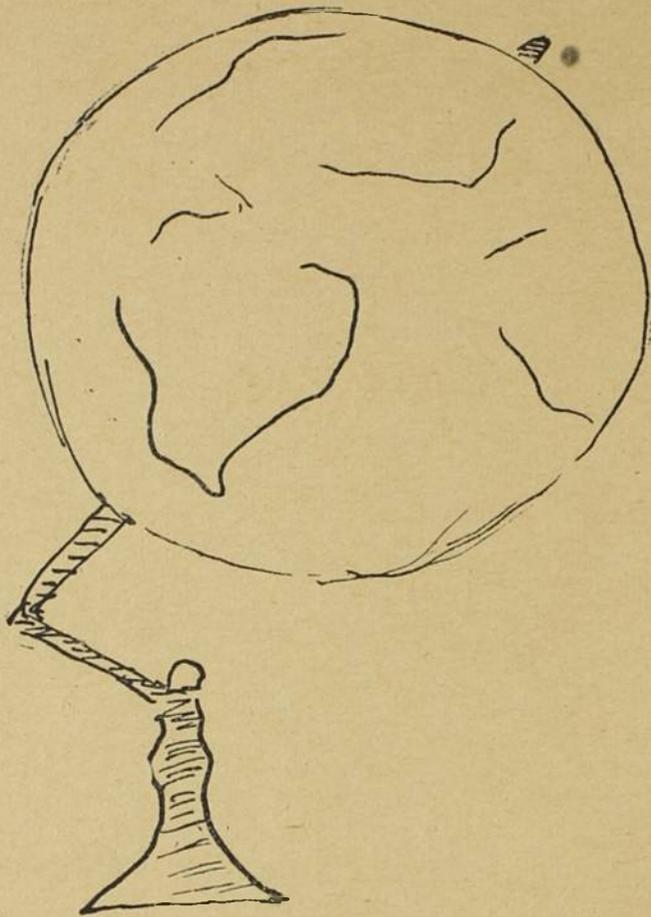
A chuva cae
Cae de bruços
A magnolia abre o parachuva
Parasol da cidade
De Mario de Andrade
A chuva cae
Escorre das goteiras do domingo



Chove chuva choverando
Que a casa de meu bem
Está-se toda se molhando

Anoitece sobre os jardins
Jardim da Luz
Jardim da Praça da Republica
Jardins das platibandas

Noite
Noite de hotel
Chove chuva choverando



A René Thiollier

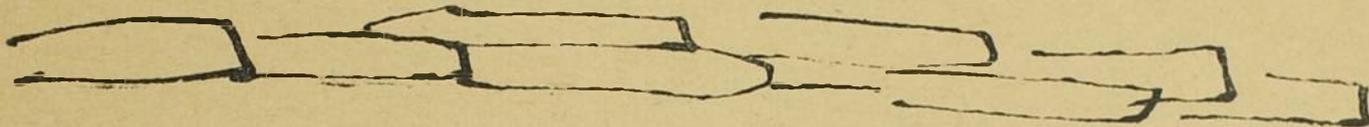
Chronica

Era uma vez
O mundo

Balas de estalo

A Sergio Milliet

Barricada

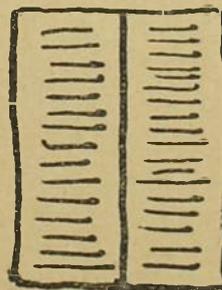
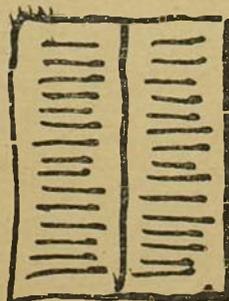
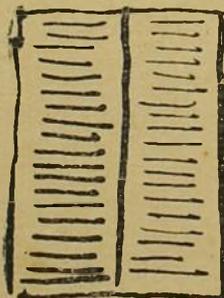


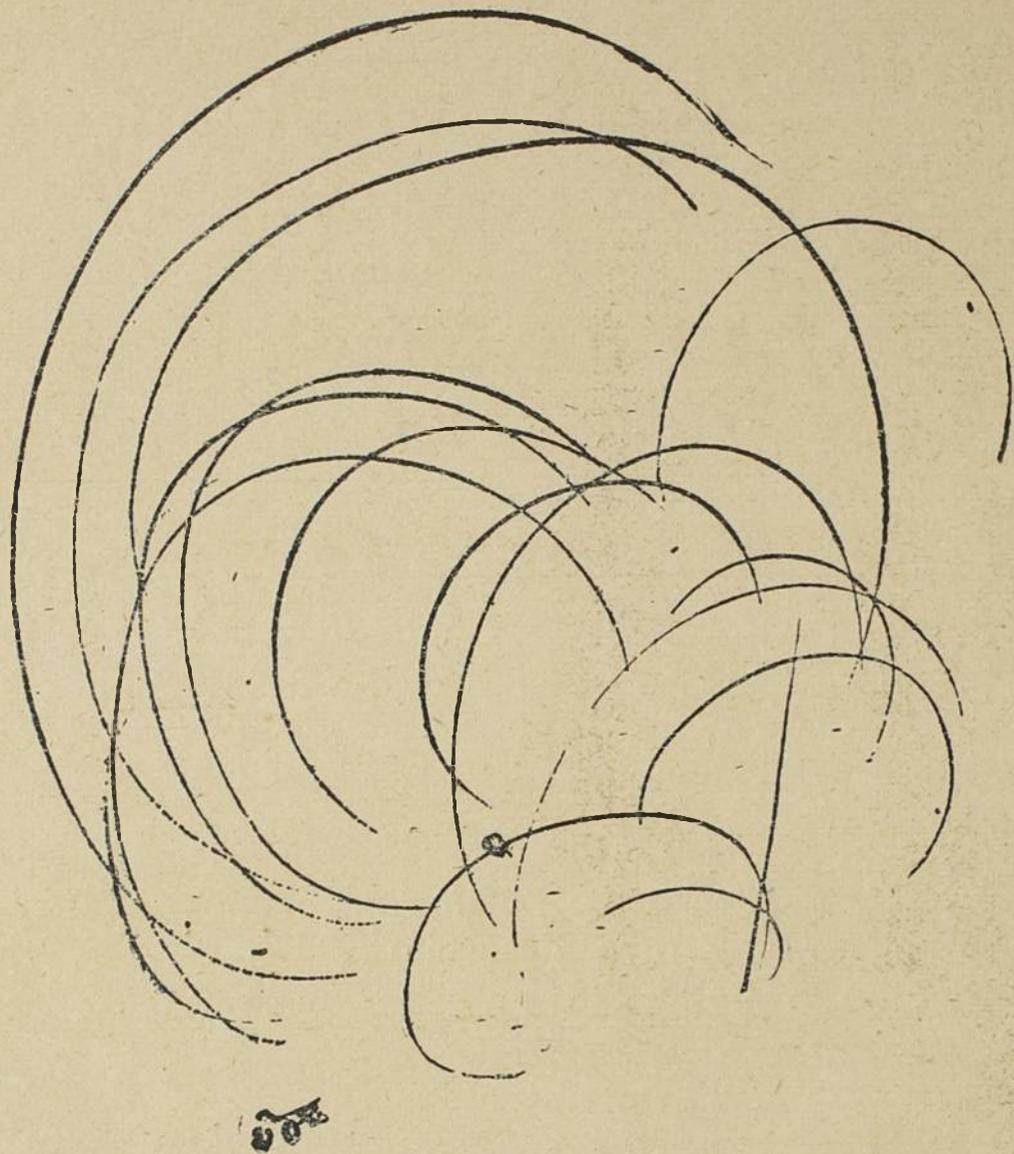
Todos os passarinhos da Praça da Republica
Voaram
Todas as estudantas
Morreram de susto
Nos uniformes de azul e branco
As telefonistas tiveram uma syncope de fios
Só as arvores não desertam
Quando a noite luz

Ao Mario

Delirio de Julho

E' uma festa da Penha
Ha patriotas no Braz e no Brasil





Ao Menotti

O Pirata

Numa Cadillac azul
Elle chispou entre duas metralhadoras
E um negrão de chapelão no guidão

A Raphael Luis

Canção da Esperança

de

15 de Novembro de 1926

O ceo e o mar
Atira anil
No meu Brasil

Sobre a cidade
Flutua
A bandeira do Porvir

Cada arvore
De estanho
Plantada
Espera
A passagem
Da carruagem
Do presidente
Do Brasil

O céo e o mar
Atira anil
No meu Brasil

Sobre a cidade
Flutúa
A bandeira do Porvir

E o povo
Ancioso
Airoso
Sacode no ar
A palheta
Da Esperança
Vendo o dia
Tropical
Que vae passar
Na carruagem
Dos destinos
Do Brasil

A' sahida da Camara
Pela bocca ardente
De um estudante
Jorra a esperança
Do grandioso
E desordeiro
Povo Brasileiro

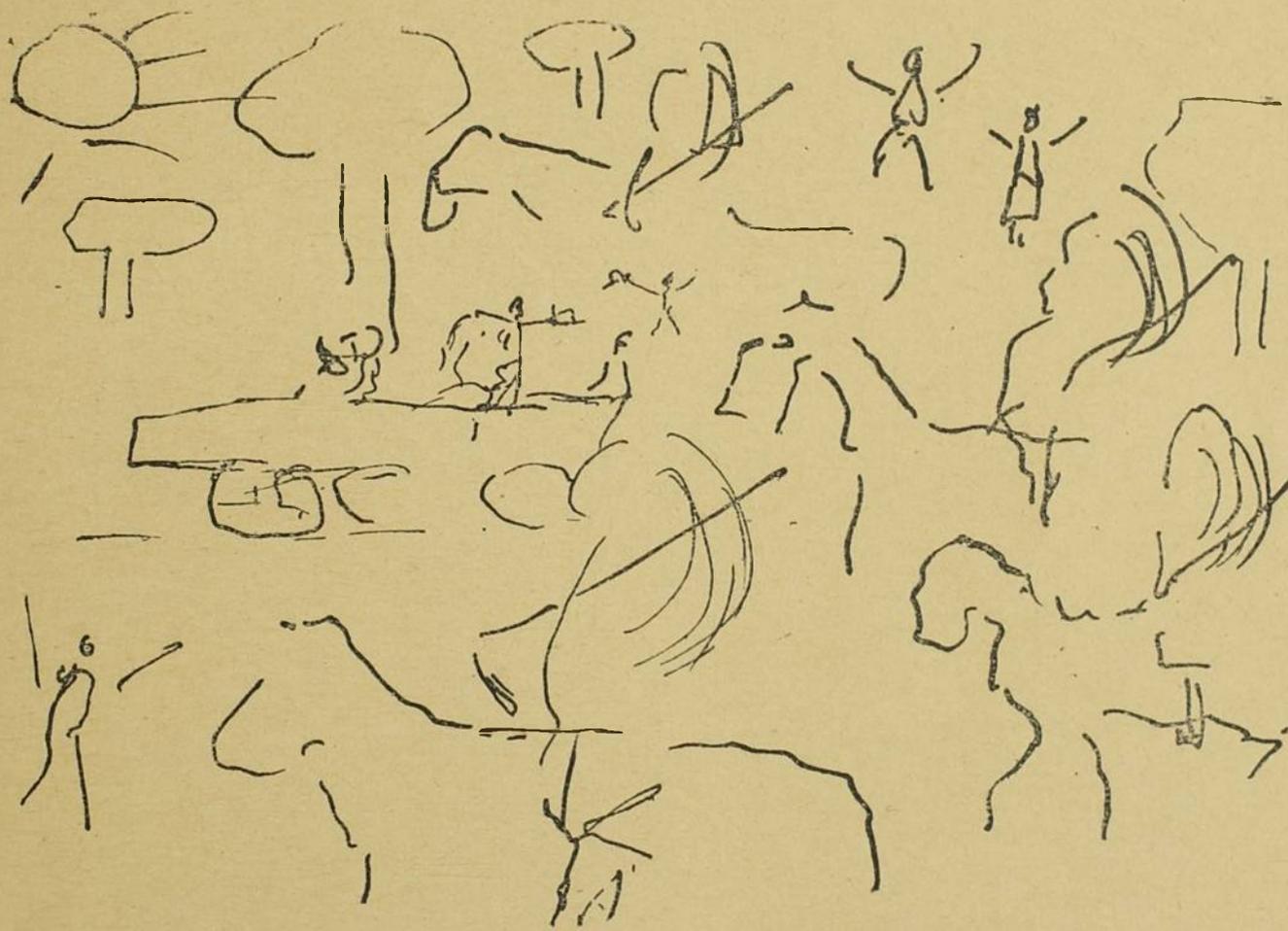
E os dragões impacientes
Nos cavallos impacientes
Esperam impacientes
Que o academico exponha
A dedicação
Da gente brasileira
Pelo seu Presidente

Ao lado
Tendo na mão
Espalmada
Os 14 versos brancos
Duma Victoria Regia
Destaca-se
A Rainha dos Estudantes
Dos Estados Unidos do Brasil

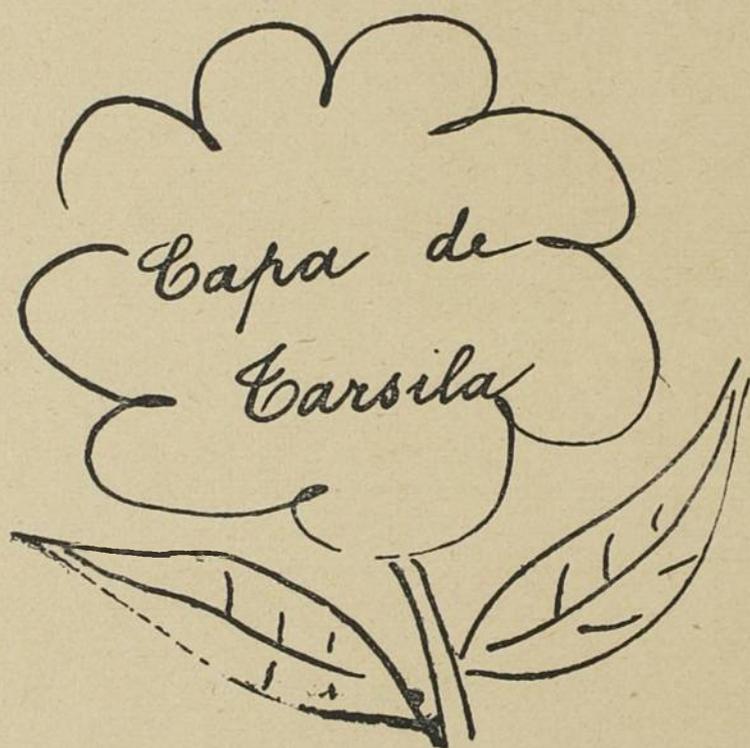
E' uma mocinha
Como a futura mãe - patria

Lá fóra as arvores dragonas sacodem os pennachos
pesados
Dizendo que sim verde

Os cavallos esperam
Os dragões esperam
O povo esperam
Que passe no anil
Entre filas
Do mar e do céu
O Presidente
Do Brasil



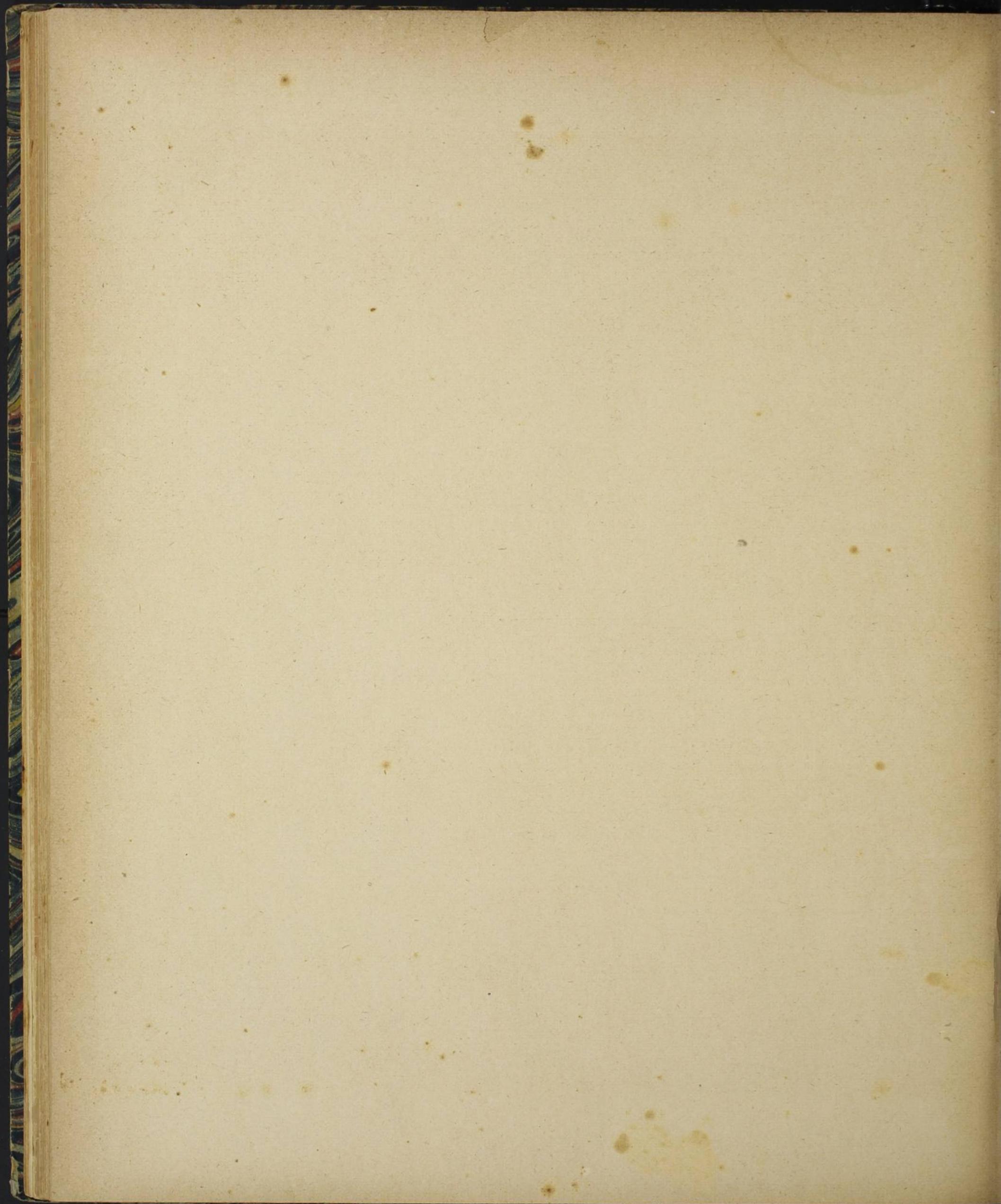
LAUS NOSSA SENHORA DA APPARECIDA

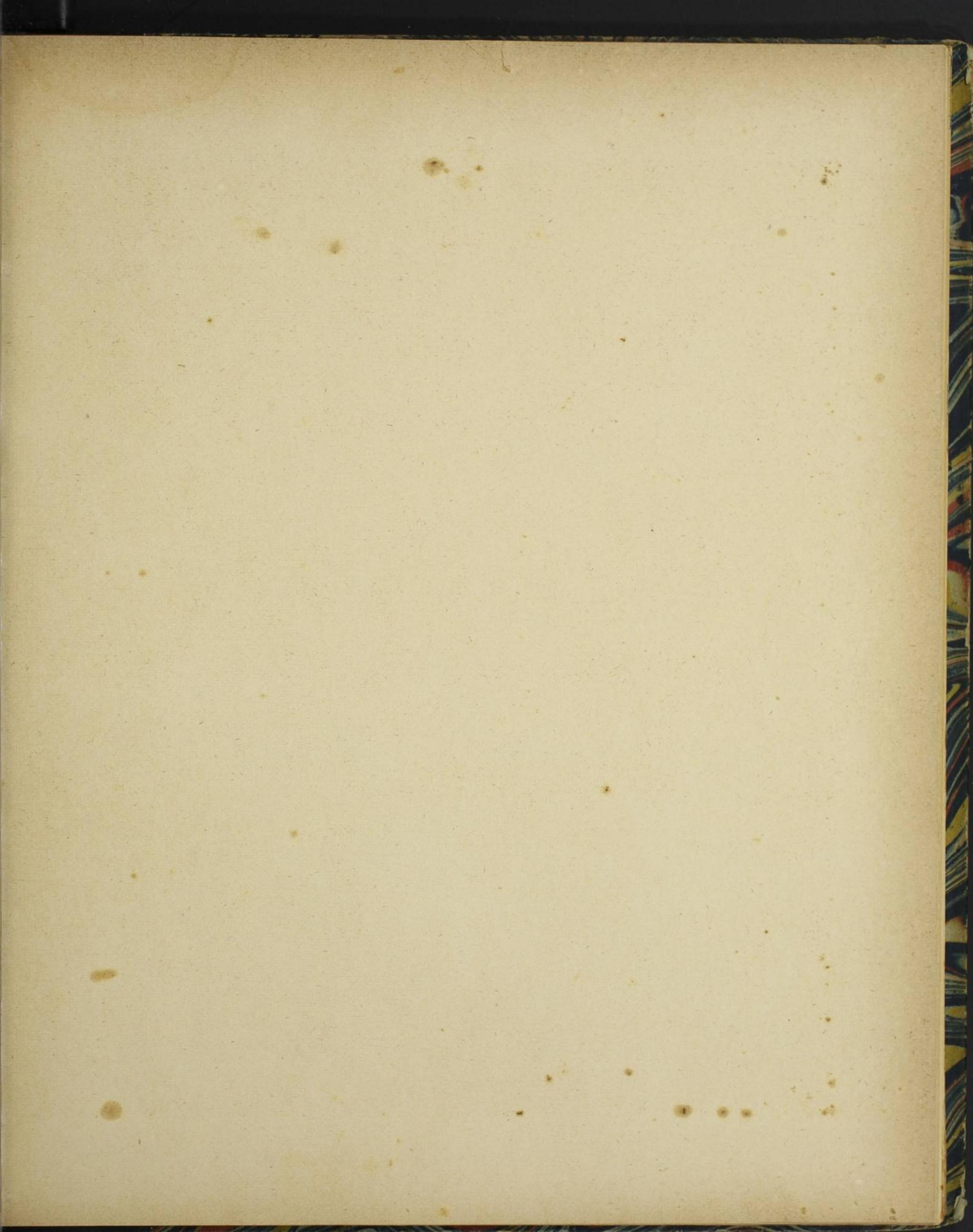


DESENHOS DO AUTOR

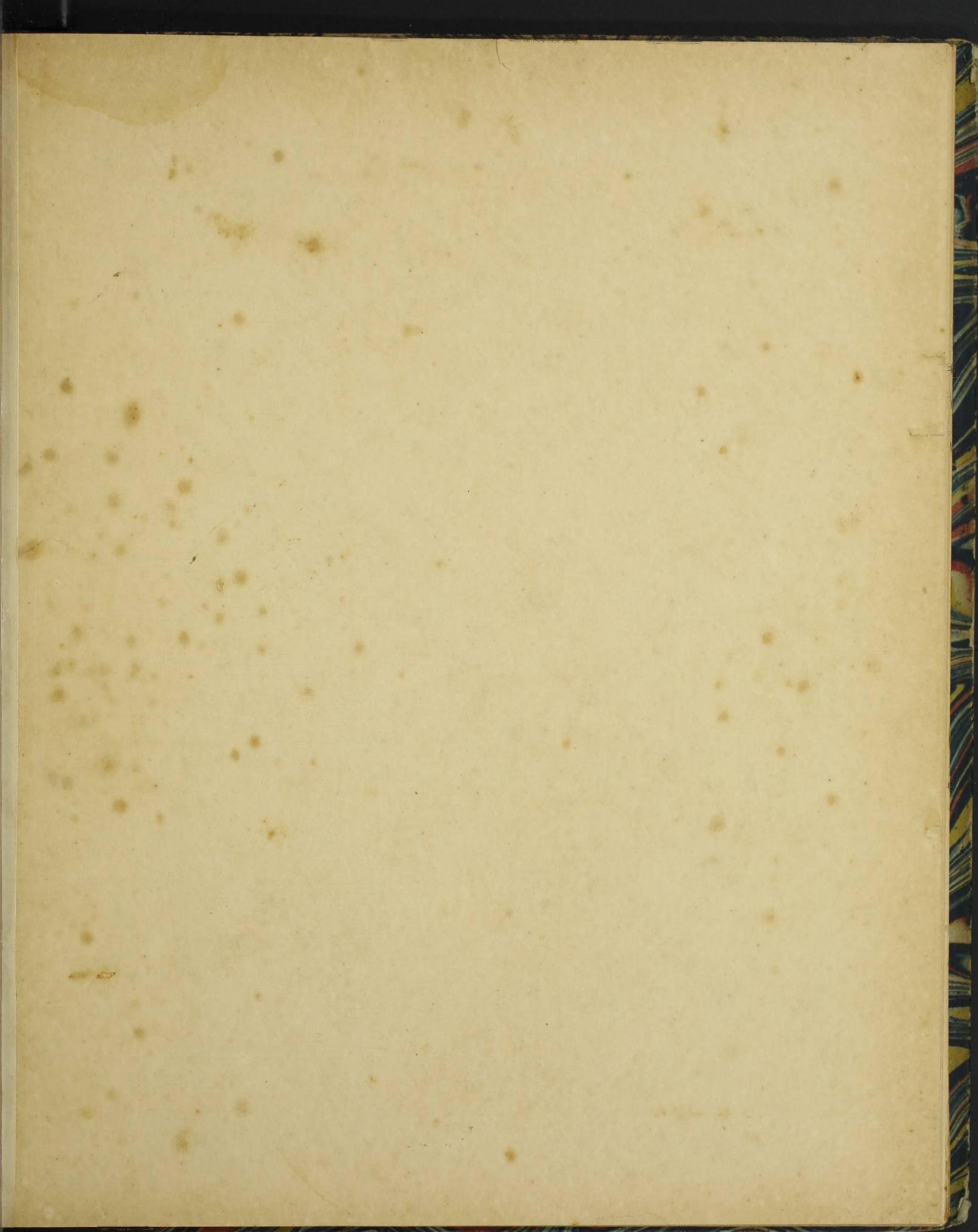
ESTE LIVRO, DE QUE SE TIRARAM
299 EXEMPLARES EM PAPEL ORDI-
NARIO (NUMEROTADOS ALIÁS DE 2
A 300) E UM EXEMPLAR DE LUXO
PARA TARSILA, ACABOU DE SE IM-
PRIMIR EM SÃO PAULO, NO DIA 25
DE ABRIL DE 1927, NA TYPOGRA-
PHIA DA RUA DE SANTO ANTO-
NIO N.º 19, QUASI EM FRENTE A
UMA CASA ONDE MOROU O POETA.

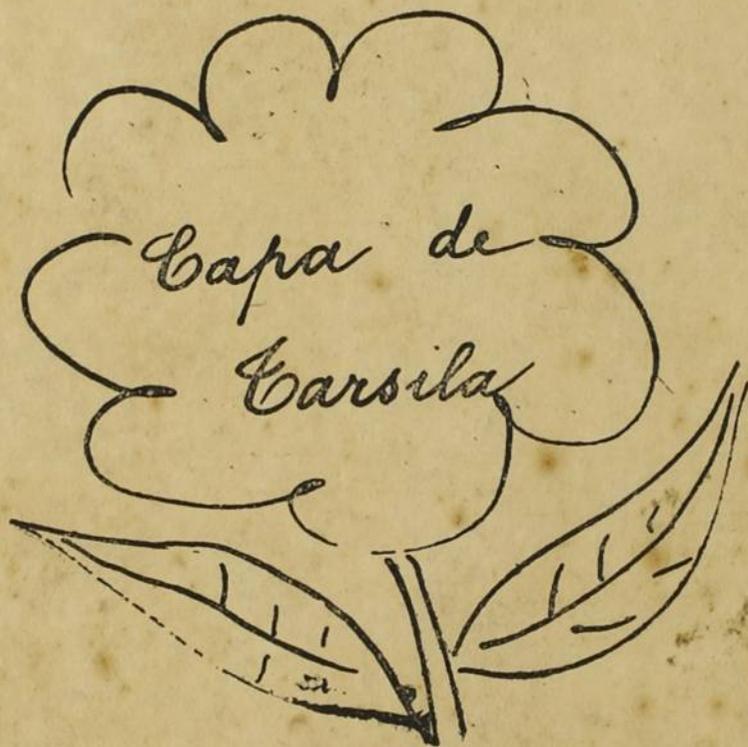
N.º 96



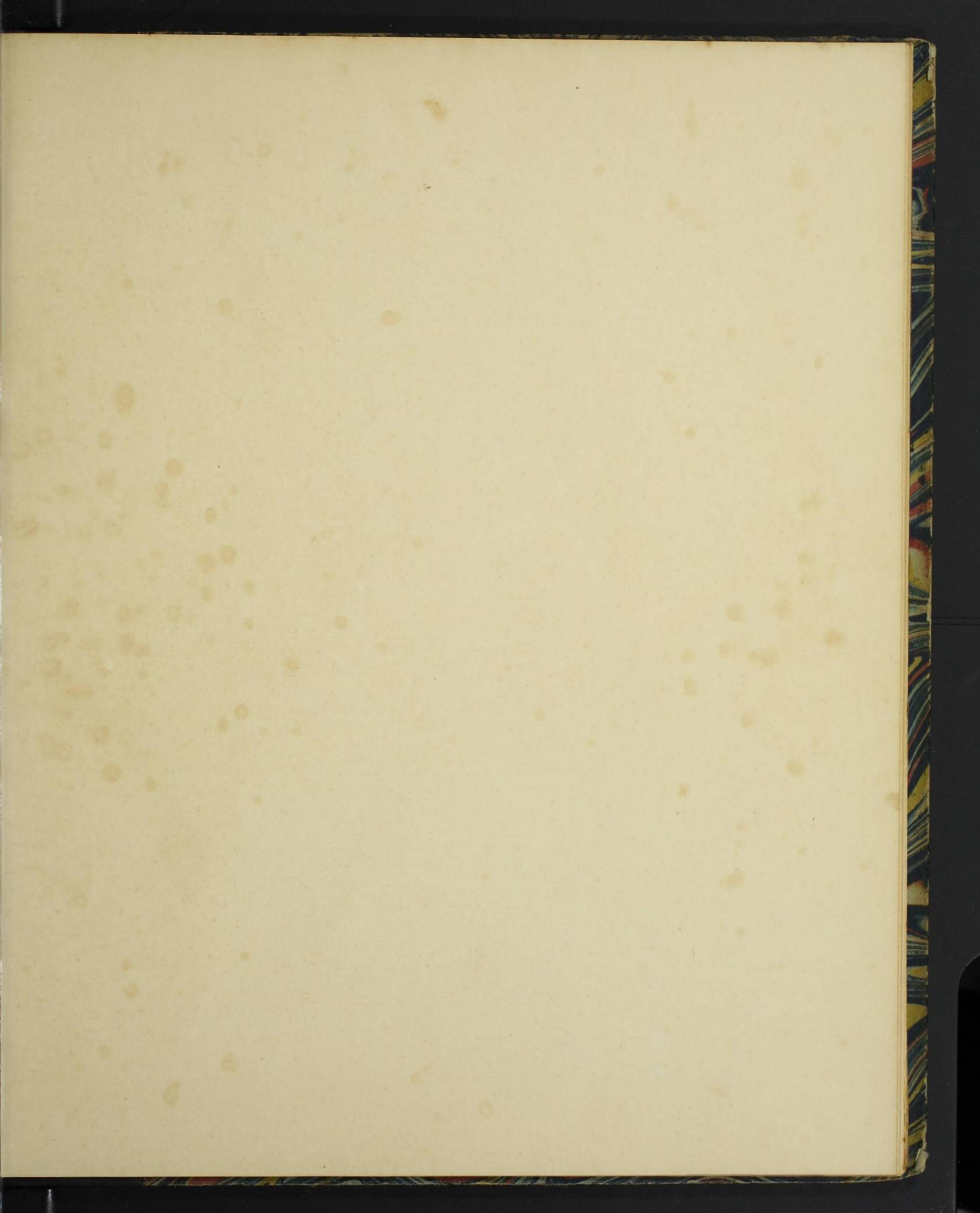


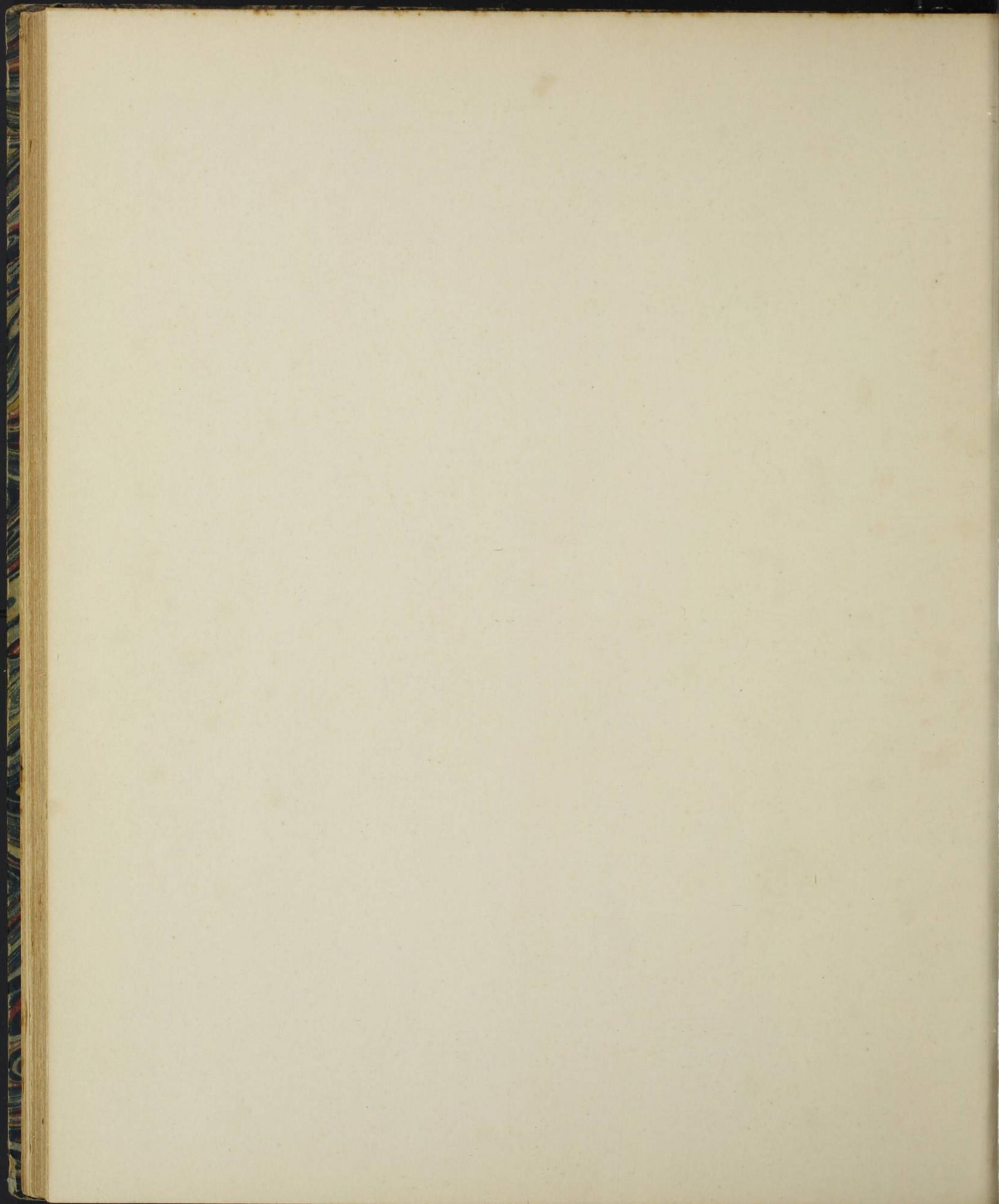
PEDRE NAVA

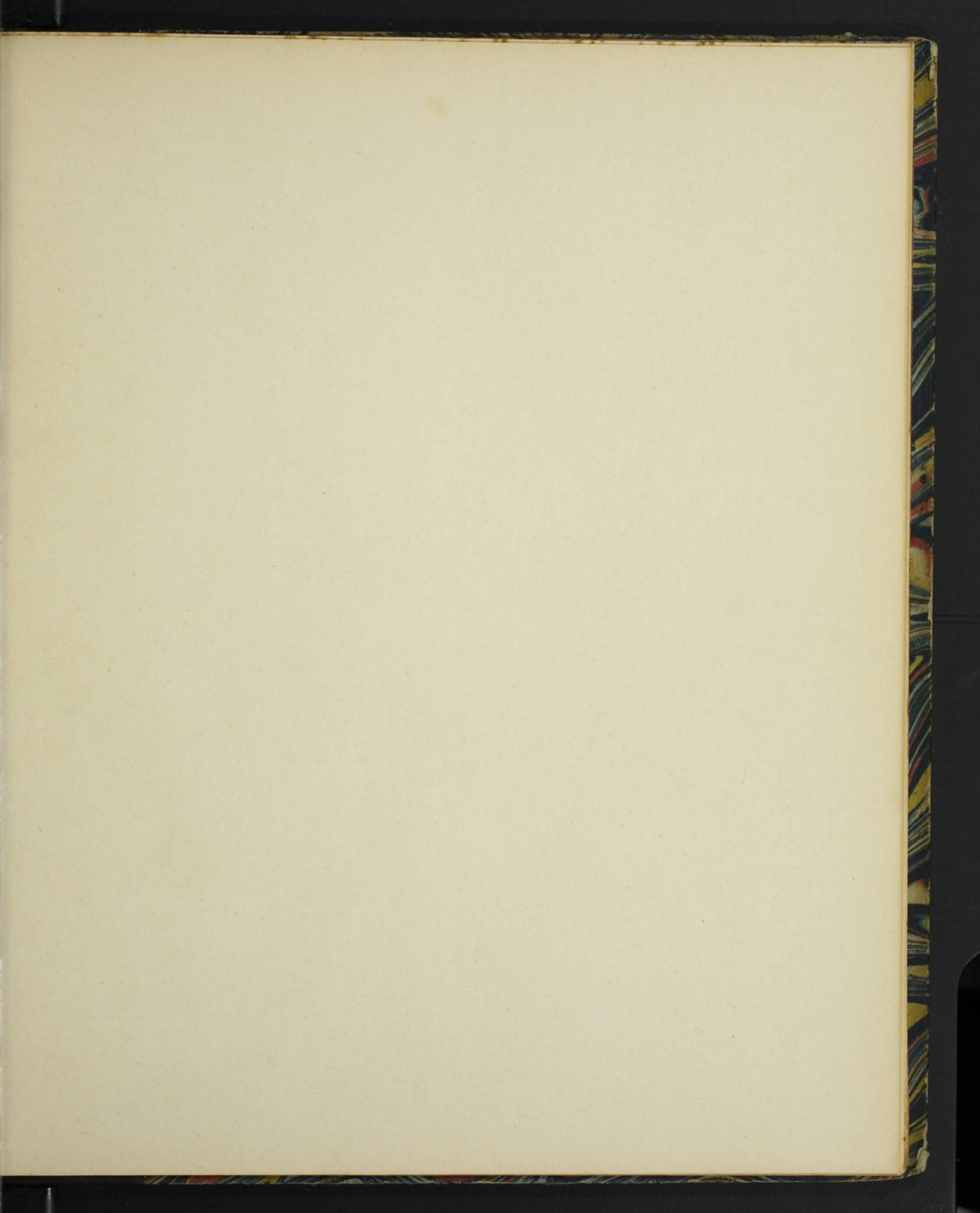


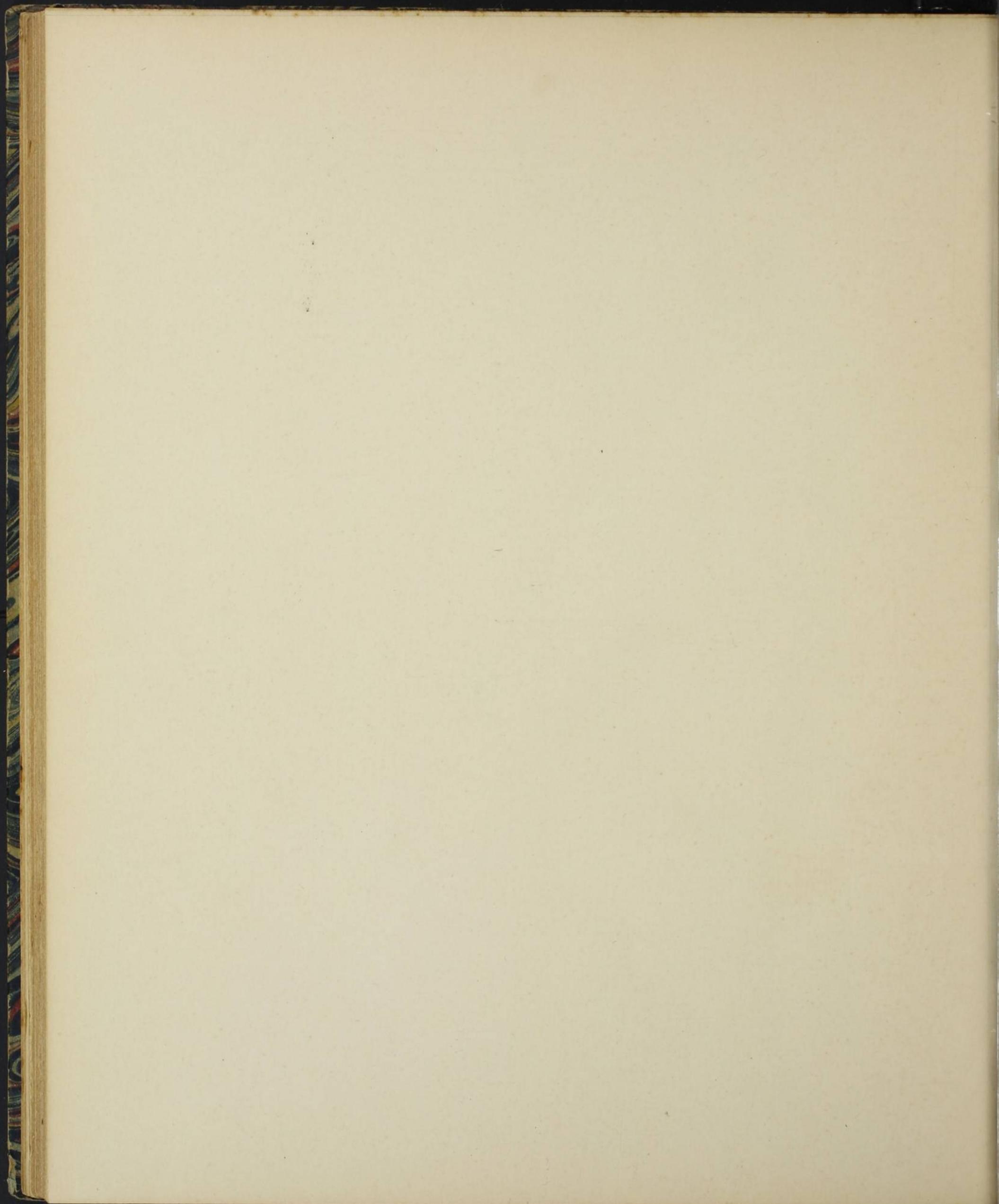


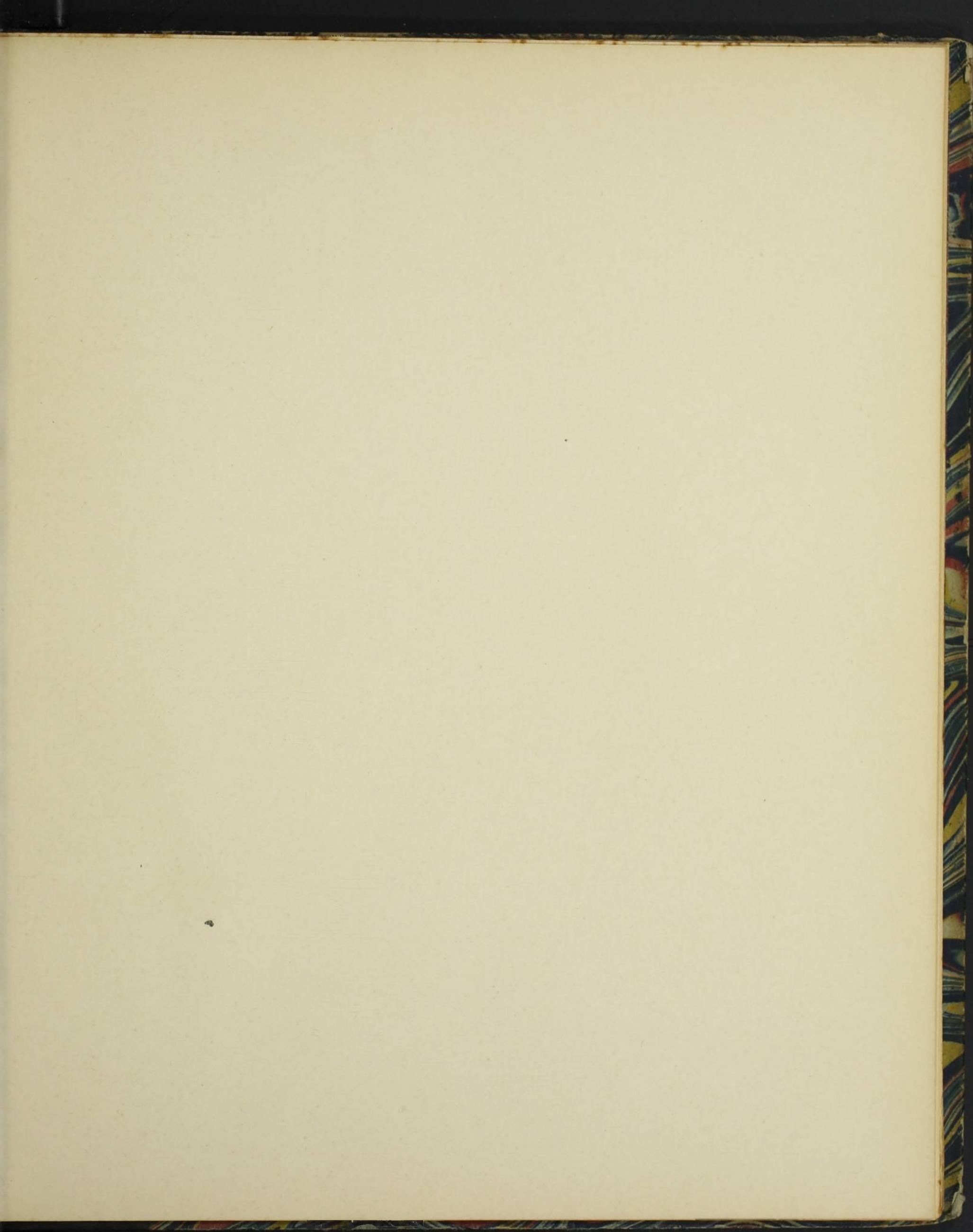
DESENHOS DO AUTOR

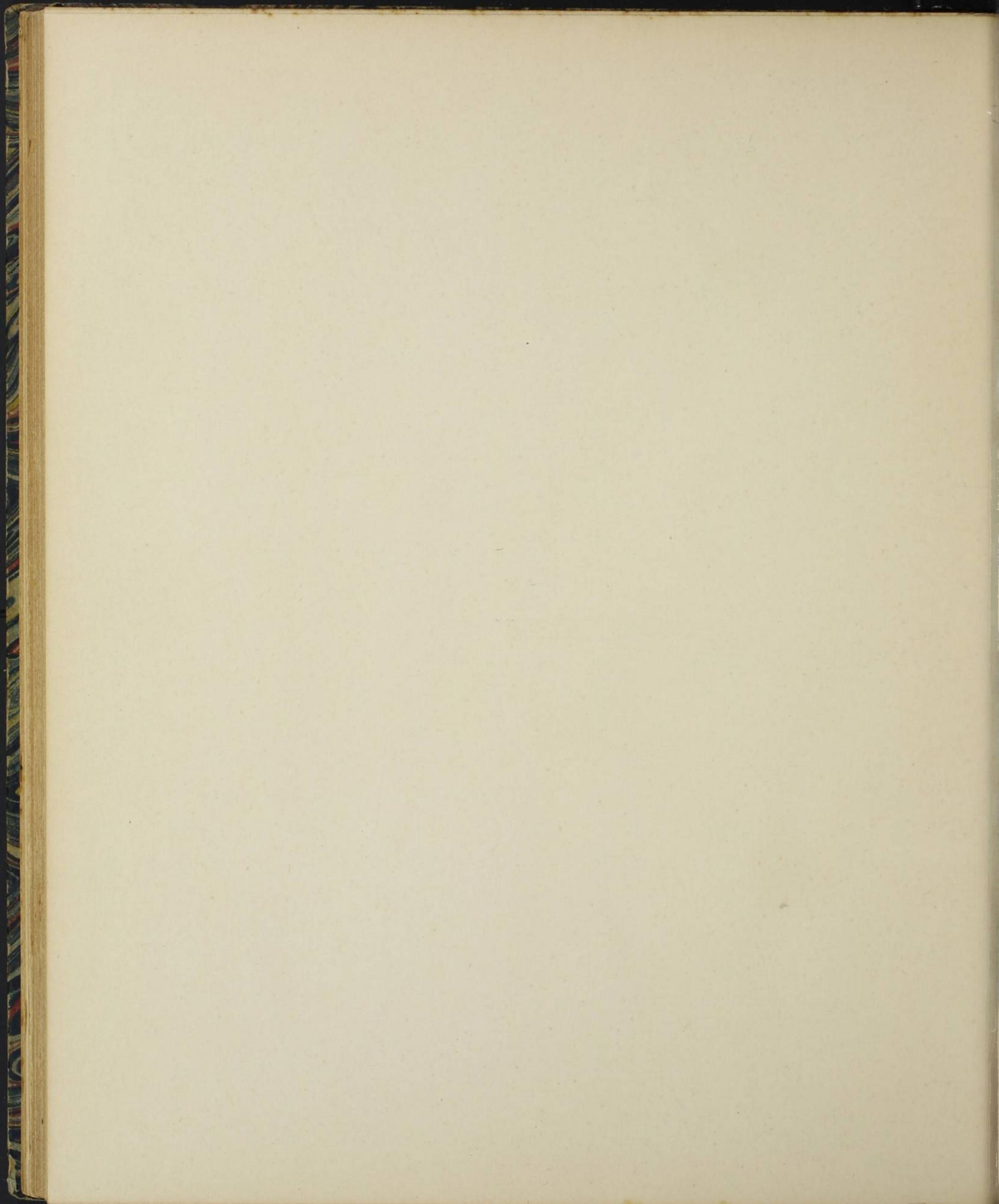


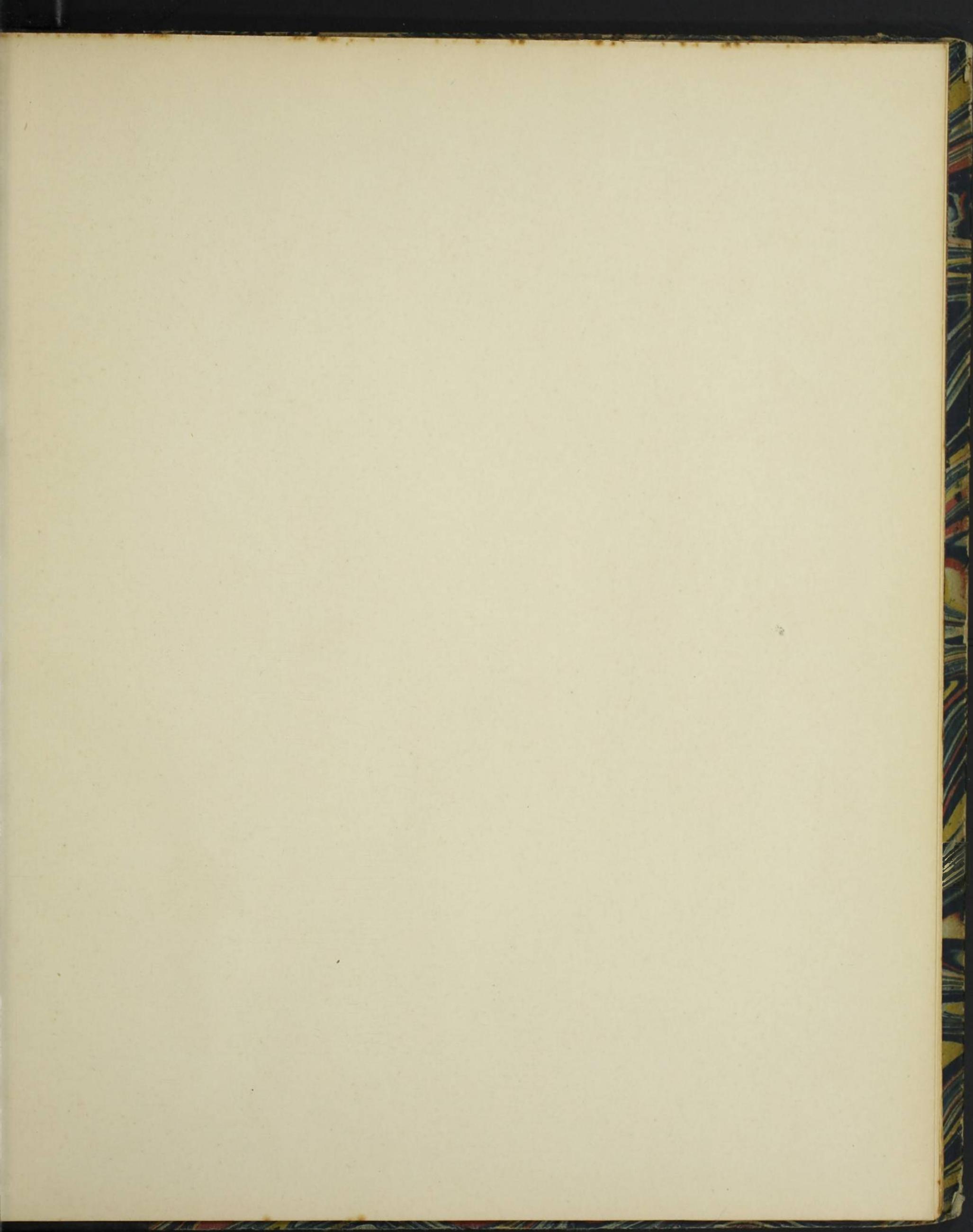


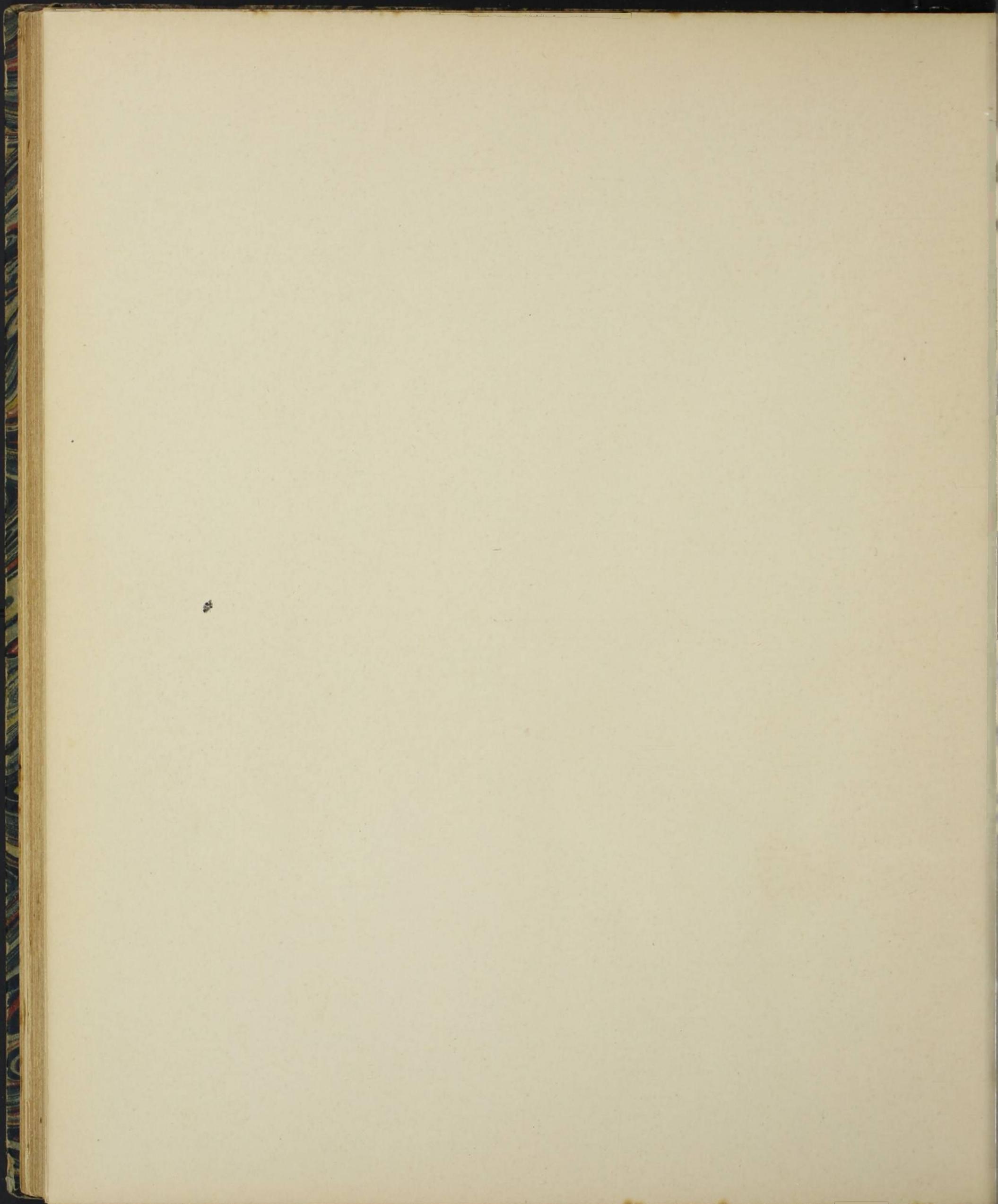


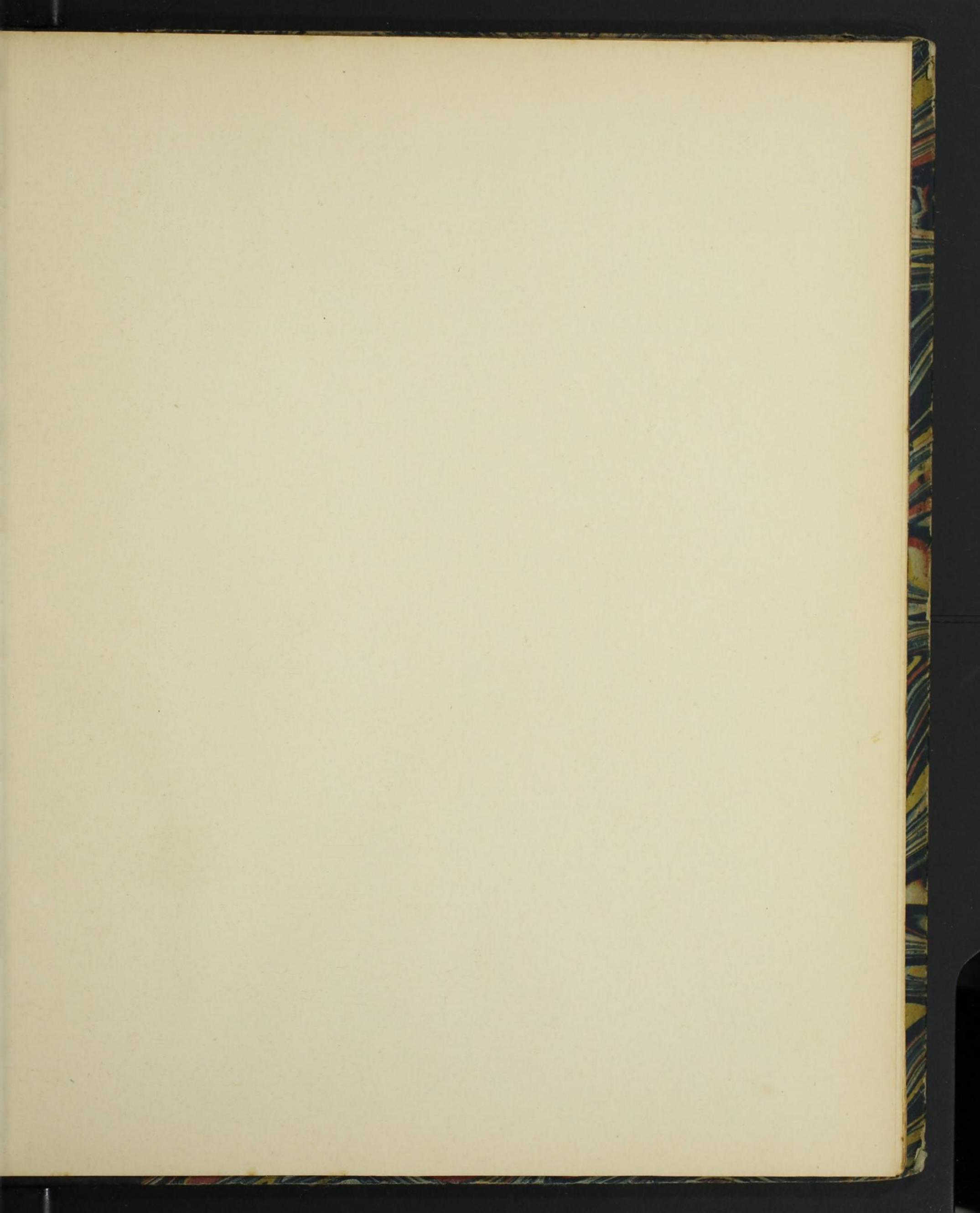


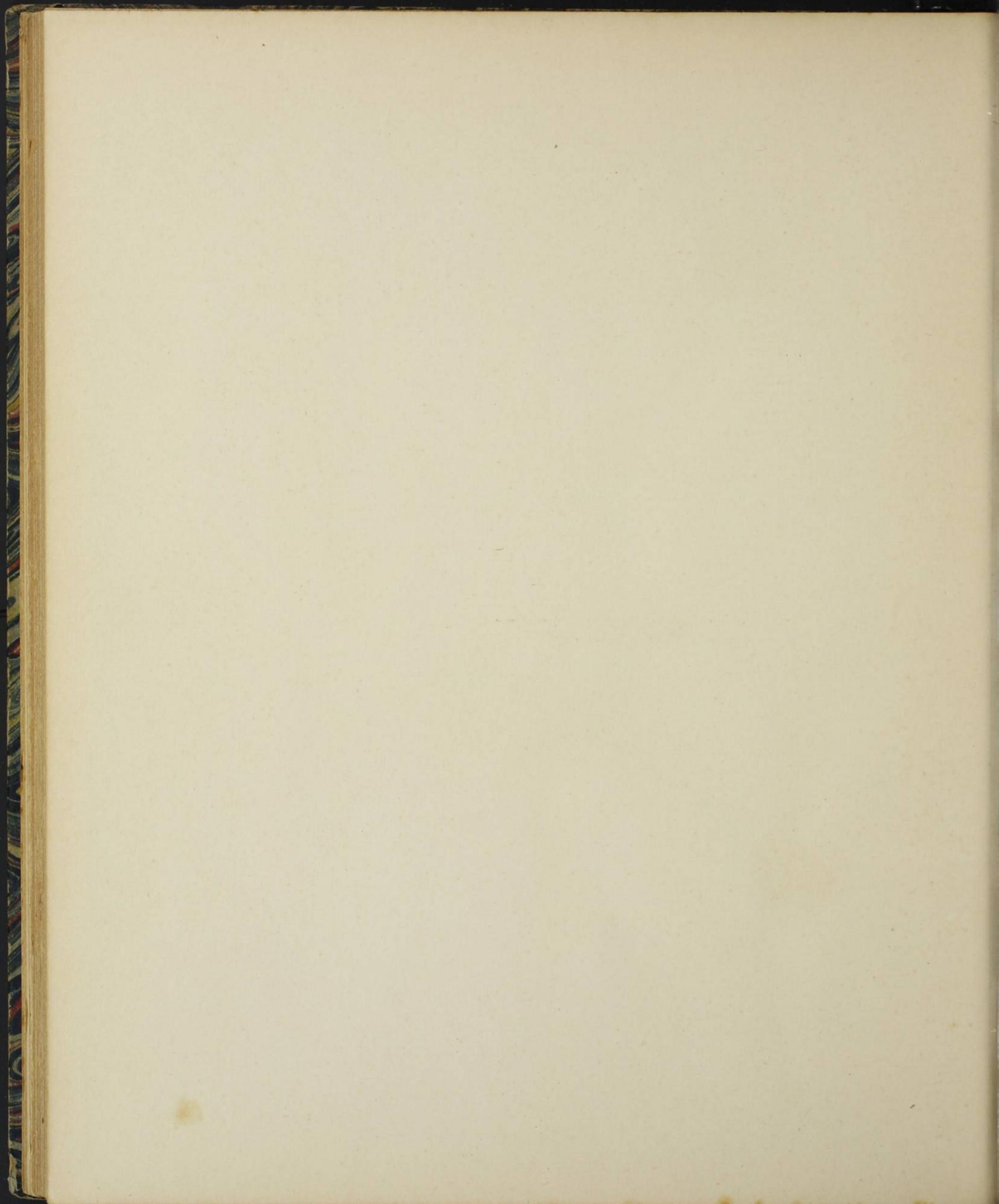


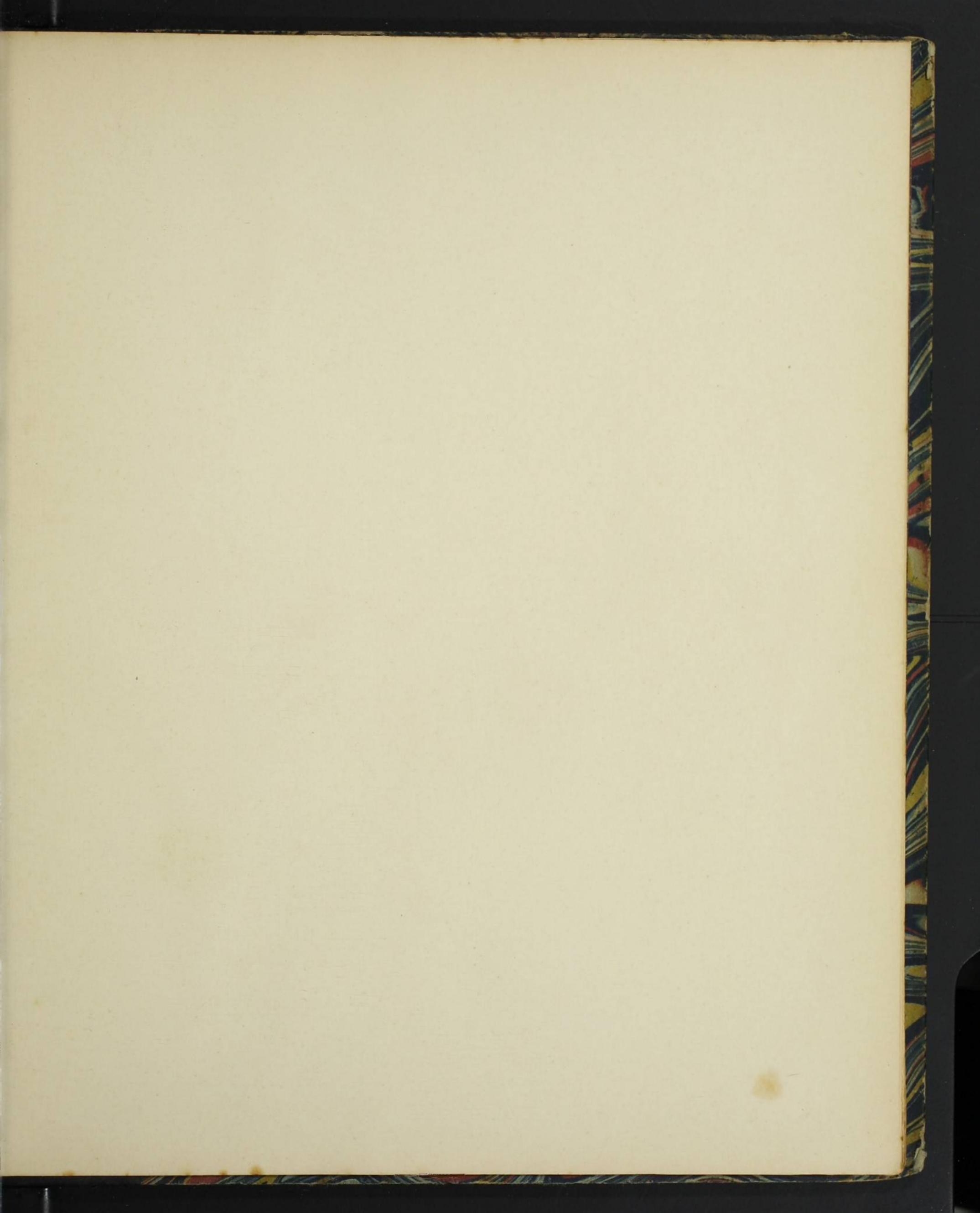


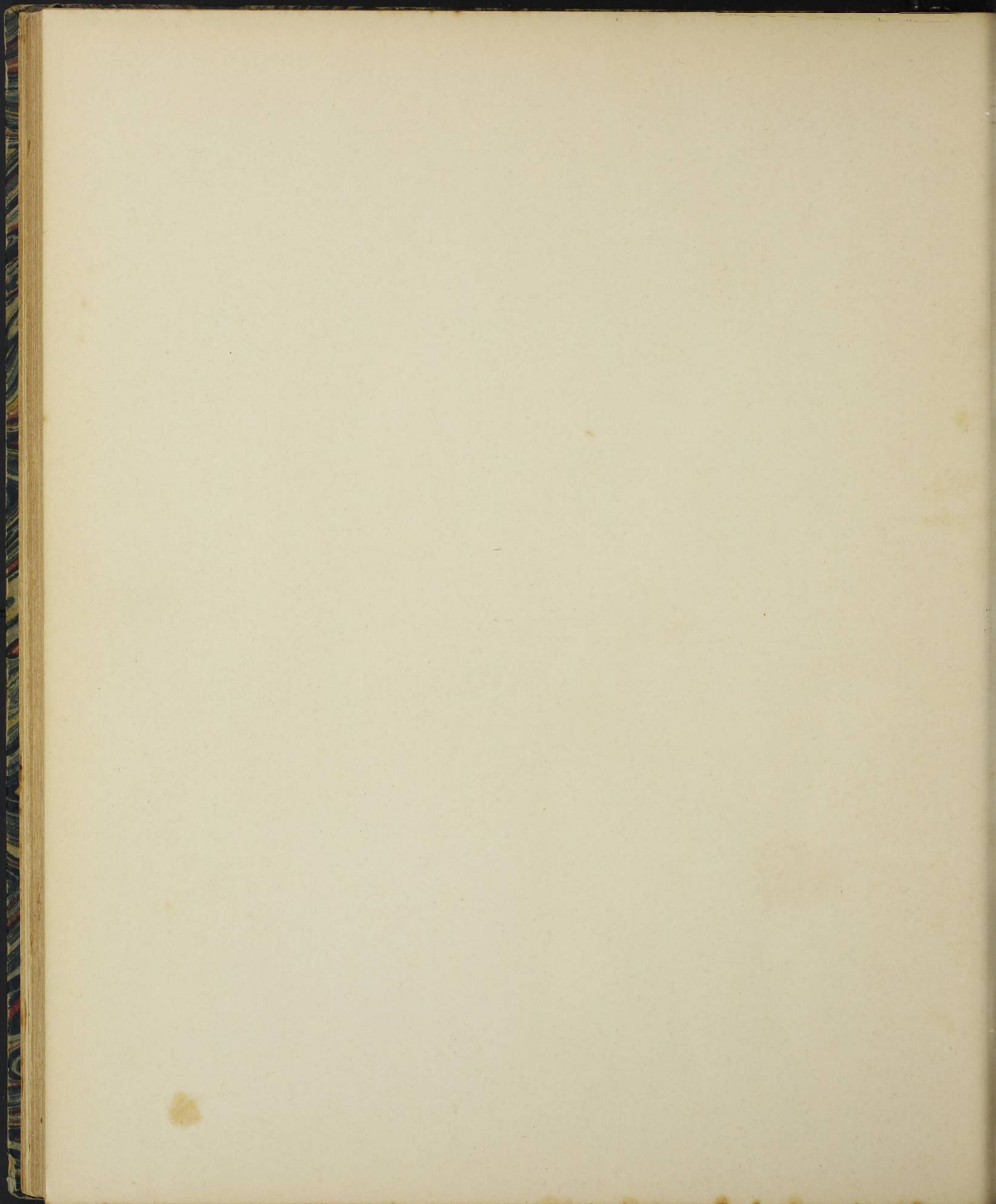


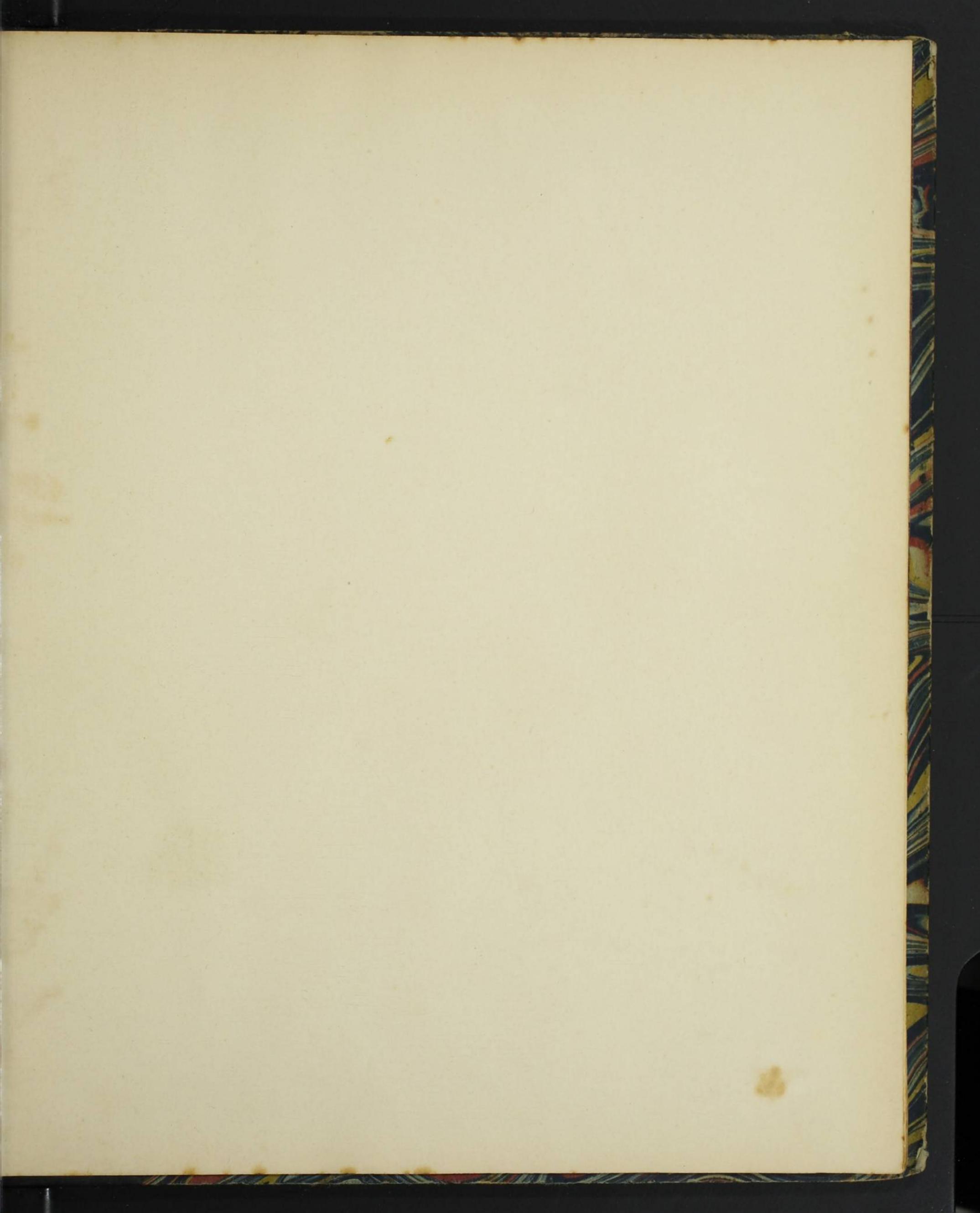












19614

